



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JÉSSICA VAZ DE MATTOS

**O MITO DO GAÚCHO OU *GAUCHO*: UM OLHAR ENTRE O IMAGINÁRIO, A
LITERATURA E A CANÇÃO DA REGIÃO PAMPIANA**

**BAGÉ
2013**

JÉSSICA VAZ DE MATTOS

**O MITO DO GAÚCHO OU *GAUCHO*: UM OLHAR ENTRE O IMAGINÁRIO, A
LITERATURA E A CANÇÃO DA REGIÃO PAMPIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras para
obtenção do título de Licenciatura em Letras –
Português e Espanhol da Universidade Federal do
Pampa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Miriam Kelm

**Bagé
2011**

JÉSSICA VAZ DE MATTOS

**O MITO DO GAÚCHO OU *GAUCHO*: UM OLHAR ENTRE O IMAGINÁRIO, A
LITERATURA E A CANÇÃO DA REGIÃO PAMPIANA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciatura em Letras
– Português e Espanhol da Universidade Federal
do Pampa.

Área de concentração: Literatura

Monografia defendida e aprovada em 10 de maio de 2013.
Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Miriam Denise Kelm – Orientadora
Curso de Letras – Unipampa

Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia Medeiros
Curso de Letras – Unipampa

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
Curso de Letras – Unipampa

Ao Fernando, pelo total apoio que, incansavelmente, me deu ao longo desse processo. Tua paciência e compreensão me seguraram nos momentos mais difíceis. Eles não cabem aqui, é claro, mas nós os conhecemos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, querida professora Miriam Kelm, por sua intensa dedicação, cuidado e paciência ao longo de nosso trabalho e, principalmente, por compartilhar comigo o brilho nos olhos ao falar de arte.

A todos os professores que, durante esses quatro anos de curso, de uma forma ou outra, contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço, especialmente, às professoras da Literatura, por fazerem aumentar minha paixão e por serem responsáveis por boa parte do que sou agora: Miriam, Vera, Lúcia e Zila. Aos que conviveram mais diretamente comigo e me orientaram em momentos específicos: Valesca e Moacir – para vocês, meu “muito obrigada” é pouco.

À Fabiana Giovani, por ser mais que uma professora: me ensinaste a compartilhar – conhecimento, amor e alegria – não apenas em sala de aula. Teu olhar atento, cuidadoso e carinhoso é, seguramente, meu maior exemplo.

Aos colegas de curso, por trocarem ideias e compartilharem tantos momentos de alegrias, angústias e estudos. À minha dupla dinâmica, Louise, pela parceria incondicional, desde os primeiros trabalhos até os ajustes deste.

Aos meus pais, pela educação e formação leitora que me deram e, mais ainda, pela compreensão e colaboração nos momentos de escrita e de crise: o apoio e a força de vocês foram fundamentais. Espero que meus incontáveis pedidos de silêncio tenham gerado bons resultados aqui, o que é, para mim, uma forma de agradecê-los.

Aos alunos que já tive e aos que virão, por fazerem meus olhos brilharem em sala de aula e, assim, reafirmarem o fato de que fiz a escolha certa: sou, sim, professora.

*Pero el jamás morirá
Gaucho no puede morir
Es ayer y el porvenir
Lo que fue y lo que vendrá
La lanza y el chiripá
Podrán quedar en el repecho
Pero libertad y derecho
Dignidad y gauchería
El patriotismo y la hombría
Los guardamos en el pecho*

Jayme Caetano Braun¹

¹ Versos do poema *Milonga de tres banderas*.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar o mito do gaúcho desde sua origem, na literatura gauchesca da região pampiana, até sua atual representação, especificamente no gênero canção nativista. Cabe esclarecer que mito, aqui, não é considerado uma ficção, explicação intelectual ou uma fantasia artística, mas uma realidade viva, que domina e determina ininterruptamente o mundo, conforme apresenta Zilberman (1977). Ao longo desta pesquisa, serão apresentados diversos aspectos que caracterizam o mito, o gaúcho – real e mitificado, o pampa, a fronteira e o regionalismo, entre outros. Posteriormente, serão analisados alguns cânones da literatura pampiana como *Martin Fierro* (José Hernández), *Contos Gauchescos* (Simões Lopes Neto), *Don Segundo Sombra* (Ricardo Güiraldes) e *Um certo capitão Rodrigo*, capítulo de *O continente* (Erico Verissimo). Estabeleceremos relações entre essas obras e as letras das canções nativistas atuais, nas quais ainda se pode encontrar a manifestação deste mito, buscando por modificações e/ou reafirmações na essência de sua representação. Vale considerar que tais canções surgem como fruto do movimento dos festivais de música nativista no estado do Rio Grande do Sul, a partir da década de 1970, e constituem significativo acervo da poesia gauchesca contemporânea, o que pode-se considerar de grande importância como objeto de estudo. A partir disso, pretende-se observar nessas letras/poesias como, na atualidade, o mito do gaúcho, representado na canção nativista, corresponde aos anseios de identidade e/ou identificação de boa parte da população sul-rio-grandense.

Palavras-chave: mito do gaúcho, pampa, literatura gauchesca, canção nativista

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo estudiar el mito del gaucho desde su origen, en la literatura gauchesca de la región pampeana, hasta su actual representación, específicamente en el género canción nativista. Es importante aclarar que el mito, aquí, no es considerado ficción, una explicación intelectual o una fantasía artística, sino una realidad viva, que domina y determina el mundo, según lo que presenta Zilberman (1977). A lo largo de esta investigación, serán presentados distintos aspectos que caracterizan el mito, el gaucho – real y mitificado, la pampa, la frontera, el regionalismo, entre otros. Posteriormente, serán analizados algunos cánones de la literatura gauchesca como *Martin Fierro* (José Hernández), *Contos gauchescos* (Simões Lopes Neto), *Don Segundo Sombra* (Ricardo Güiraldes) y *Um certo capitão Rodrigo*, capítulo de *O continente* (Erico Verissimo). Estableceremos, así, relaciones entre estas obras y las letras de las canciones nativistas actuales, en las cuales todavía se puede encontrar la manifestación de este mito, buscando modificaciones y/o reafirmaciones en la esencia de su representación. Cabe añadir que dichas canciones surgen como el fruto del movimiento de festivales de música nativista en el estado del Río Grande del Sur, que empieza en la década de los 1970, y constituyen un significativo acervo de la poesía gauchesca contemporánea, así que es importante utilizarlo como objeto de investigación. A partir de ahí, se pretende observar en estas poesías/letras cómo, en la actualidad, el mito del gaucho, representado en la canción nativista, corresponde a las expectativas de identidad/identificación de parte de la población sur-riograndense.

Palabras-clave: mito del gaucho, pampa, literatura gauchesca, canción nativista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM PAMPIANO E O UNIVERSO GAUCHESCO.....	14
3. O MITO DO GAÚCHO EM CÂNONES DA LITERATURA PAMPIANA.....	21
3.1 <i>Martin Fierro</i> (José Hernández).....	22
3.2 <i>Contos Gauchescos</i> (Simões Lopes Neto).....	24
3.3 <i>Don Segundo Sombra</i> (Ricardo Güiraldes).....	29
3.4 <i>Um certo capitão Rodrigo</i> (Erico Verissimo).....	33
4. A CANÇÃO NATIVISTA COMO FORMA ATUAL DA REPRESENTAÇÃO DO MITO.....	38
4.1 Traços de identidade.....	39
4.2 O ambiente pampiano.....	43
4.3 A fronteira.....	44
4.4 O cotidiano campesino.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXOS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Entendemos por gaúcho o homem que nasceu e se formou no território compreendido pela região do pampa, da qual fazem parte um pedaço do estado do Rio Grande do Sul (BR), o Uruguai e parte da Argentina. Nesse sentido, tratamos aqui de um *gaucho* que, apesar das fronteiras políticas que lhe foram impostas, compartilha com essas três bandeiras uma história bordada por guerras, disputas e demarcações de limites territoriais entre portugueses, espanhóis e índios. Do mesmo modo, esse gaúcho compartilha com seus *hermanos* uma cultura formada ao longo dos séculos de colonização pelos quais passou, cultura rural extremamente ligada ao cavalo, às lides de campo, ao “mate”, ao “assado” e, inevitavelmente, influenciada pela geografia pampiana (que abarca as regiões sul-rio-grandense e rio-platense). Essas manifestações culturais foram e vêm sendo retratadas com forte expressão nas áreas literária e musical da região acima citada.

Assim, pretendemos analisar neste Trabalho de Conclusão de Curso o mito do gaúcho ou *gaucho* desde a sua origem na literatura gauchesca até sua atual representação, em especial no gênero canção (canção nativista). Dentre as obras a serem estudadas estão *O continente* (primeira parte de O Tempo e o Vento), de Erico Verissimo e *Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto, representando a literatura regionalista sul-rio-grandense; também serão estudadas as obras *Martin Fierro*, de José Hernández e *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, representando a literatura rio-platense. A escolha dessas obras para o desenvolvimento da pesquisa leva em conta o alcance do movimento regionalista literário, que se estende por todo o pampa – brasileiro, uruguaio e argentino. De acordo com as palavras de Lúcia Miguel Pereira, a esse movimento pertencem as “obras que priorizam a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora” (PEREIRA, 1957, p.179).

Como aponta Flávio Loureiro Chaves, o regionalismo é uma constante na literatura ficcional brasileira e, no estado do Rio Grande do Sul, “formou-se e evoluiu sob o signo da tradição romântica e dessa intenção programática de documentar o espaço circundante através dos cenários típicos, da recuperação do acervo folclórico e lendário, da inclusão dos falares regionais” (CHAVES, 2002, p.12). Portanto, pode-se dizer que o regionalismo se converteu em marca de identidade na ficção do estado, visto que “delineia intencionalmente um espaço físico particularizado dentro duma prosa mimética, (...) representa um mundo e um código social que se encerram em si mesmos” (CHAVES, 2002, p.15).

Antes de propormos algumas questões sobre o mito do gaúcho, é fundamental destacar o conceito de mito aqui adotado, de acordo com o apresentado por Regina Zilberman (1977), em que ele “não é ficção, uma explicação intelectual ou uma fantasia artística, mas uma realidade viva, que domina e determina ininterruptamente o mundo e o destino dos homens” (ZILBERMAN, 1977, p.15). Desta forma, a pesquisa se dirigirá “hacia las sociedades en las que el mito tiene — o ha tenido hasta estos últimos tiempos — ‘vida’, en el sentido de proporcionar modelos a la conducta humana y conferir por eso mismo significación y valor a la existencia”² (ELIADE, 1991, p.4).

É válido ressaltar que, antes de se chegar ao termo gaúcho/*gaucho* que hoje conhecemos, o homem que habitava o território sul-rio-grandense e rio-platense foi se modificando ao longo do tempo. Mais que uma questão conceitual, na qual contamos com uma vasta gama de termos para nomear o homem pampiano, percebemos modificações na significação do tipo humano já citado. Ora, essa (re)significação parece evidente ao pensar que se não houvesse mudanças no comportamento do homem não haveria mudanças nos conceitos que se tinha sobre ele. Deste modo, de acordo com as palavras de Chaves (2001), do homem entregue à lida de campo na época chamada “idade do couro” se dizia “guasca”. Ao longo do século XVIII, porém, chamava-se de “gaudério” todo aventureiro paulista, coureador, ladrão de gado, vagabundo, contrabandista, etc. Já no final do século XVIII, surgiu o termo *gaucho*, ainda com o mesmo sentido pejorativo do termo que o antecedeu. É apenas no século XIX que surge o termo “gaúcho” que, como diferença dos anteriores, agrega ao pampiano o sentido de guerreiro e peão. No entanto, o gaúcho só foi distanciado dos conceitos de vagabundo, ladrão de gado e contrabandista no final do século XIX, quando passa a ser considerado o “monarca das coxilhas” no meio literário narrativo, o que seria uma mistura de mito e realidade (CHAVES, 2001, p.37-39). Nessa mesma época, concomitantemente, o nosso gaúcho não-literário já estava construindo seu rancho e formando família pelos vastos rincões do pampa.

Para esta pesquisa, partimos de algumas indagações que nos parecem pertinentes ao tema: atualmente se procura falar sobre este mito em textos literários? Ele ainda aparece na literatura sul-rio-grandense contemporânea? Se o mito é um estereótipo de gaúcho e, portanto, só existente no imaginário, seria válido estudá-lo? Onde percebemos sua representação agora? Essa representação é a mesma de quando ele surgiu no âmbito literário ou sofreu alguma alteração ao longo dos anos?

² Optamos por não traduzir os excertos em língua espanhola deste trabalho.

A partir desses questionamentos iniciais, o trabalho será guiado pelo viés de que o mito aparece concretizado, nos dias de hoje, no gênero canção nativista gaúcha. A esse viés creditamos importante valor, considerando que a canção é capaz de vivificar o mito do gaúcho, antes presente apenas no meio literário, e, ao mesmo tempo, tem a função de cultivá-lo para que futuras gerações o (re)conheçam e – quem sabe – o perpetuem, considerando-o como parte importante na construção de sua identidade. As canções são compostas por escritores e/ou poetas com o intuito de retratar o gaúcho e cantá-lo ao seu público-alvo para, talvez, preservá-lo através da música e reafirmar sua identidade, já que a figura matriz – o gaúcho real – ainda existe e vive no campo. Como bem esclarece Luis Antonio de Assis Brasil, escrever sobre este tipo hoje “já não se trata de nostalgia, mas da aceitação de um estilo de vida diferente, que ainda não desapareceu de todo, e no qual há espaço para a crítica das evidentes desigualdades” (ASSIS BRASIL, 2004, p.35).

Podemos pensar, ainda, que houve consideráveis mudanças no perfil do público consumidor desse mito. Anteriormente, havia um número significativo de leitores de obras literárias gauchescas que, por conseguinte, alimentavam a produção dos escritores. Mas, possivelmente em virtude dos diversos afazeres da sociedade moderna, diminuiu-se o tempo para o lazer e, seguramente, para a leitura. Consideramos, além disso, o fato de existirem outras fontes de entretenimento, mais “fáceis” que a leitura. Assim, busca-se agora algo que seja prático para apreciação e consumo. Aí, então, entram as canções, oriundas, em grande parte, do movimento dos festivais de música nativista, onde ainda há espaço para (re)vivificar esse mito.

Retomando o dito anteriormente, este trabalho será guiado pela hipótese de que o mito do gaúcho, antes exposto na literatura gauchesca, é representado, atualmente, no gênero canção nativista, levando em conta o fato de que nesse ínterim passou por modificações. No entanto, entendemos que o gaúcho real – e aqui falamos do homem do campo, como uma figura matriz – não deixou de preservar seus valores morais e costumes, apesar de sentir a necessidade de adaptar-se à vida urbana moderna para sobreviver.

Escolhemos como tema para o desenvolvimento desta pesquisa o mito do gaúcho, desde a sua origem no meio literário narrativo do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Argentina no século XIX até sua atual representação no âmbito musical, contemplando, também, as possíveis modificações ou não pelas quais podem ter passado suas características nesse período de tempo.

A pesquisa proposta neste Trabalho de Conclusão de Curso se justifica pelo fato de haver poucas análises sobre o mito do gaúcho a que se tem acesso hoje – este fomentado

pelos poetas e letristas. Há, atualmente, uma profusão de canções que retratam em suas letras este tipo representativo da região pampiana desde que surgiu e se propagou, no estado do Rio Grande do Sul, o movimento dos festivais de música nativista, a partir da década de 1970. Esses festivais “caracterizam-se pela competição, onde jurados avaliam letra, melodia, indumentária, arranjo e popularidade das canções, enquanto os músicos retratam no palco o cotidiano do gaúcho, seja na ‘lida’ de campo, no preparo do mate, ou no convívio com sua amada (chamada carinhosamente de ‘prenda’)” (BARCELLOS, 2012). Escritores como Anomar Danúbio Vieira, Gujo Teixeira, Rogério Villagran, Eron Vaz Mattos, Mauro Moraes, Rodrigo Bauer e Xirú Antunes, por exemplo, conhecidos no meio nativista, criam verdadeiras obras poéticas visando “pintar” de maneira fiel o gaúcho real – como apontamos, figura matriz – e, também, o gaúcho do nosso imaginário idealizado. Daí a necessidade de aproveitar este acervo de canções para sustentar parte deste trabalho.

No entanto, quando falamos em imaginário é fundamental que tenhamos em conta, claramente, seu conceito. Deste modo, acreditamos, de acordo com a acepção apresentada pelo pensador Gilbert Durand (1971), que “o imaginário é o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, sendo o “grande denominador onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND, 1971 *apud* MELLO, 2002, p.9).

Assim, a partir da análise de obras literárias regionalistas sul-rio-grandenses e rio-platenses, bem como de letras de canções nativistas, pretendemos verificar nesta pesquisa se o mito do gaúcho, realmente, passou por modificações em sua essência ao longo do século XX e, em caso afirmativo, apontar quais foram essas mudanças. Deste modo, observaremos a representação do mito em poesia, narrativa, contos e novela de grande valor literário no que diz respeito à região pampiana. Buscaremos, também, essa representação em letras de algumas canções nativistas, reconhecendo, em caso afirmativo, suas transformações. Ainda, observaremos como, na atualidade, o mito do gaúcho representado na canção nativista corresponde aos anseios de identidade/identificação de boa parte da população sul-rio-grandense.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM PAMPIANO E O UNIVERSO GAUCHESCO

[...] a identidade, hoje, em tempos e mundos altamente fragmentados e, por que não, (des)conectados, é mais que um objeto de estudo; é, antes, uma necessidade de sobrevivência sociocultural e histórica. Com a existência do multiculturalismo, saber nosso espaço no mundo tornou-se não só difícil e complexo, mas também indispensável (BOSAK, 2006, p.47).

A partir do excerto supracitado, podemos dizer que a necessidade de revivificar o mito do gaúcho, manifestada em boa parcela das representações culturais de parte da população sul-rio-grandense, se dá justamente pelo fato de que é preciso conhecer seu espaço no mundo para que ele sobreviva histórica e socioculturalmente. Nessa luta pela sobrevivência, a memória desempenha um papel fundamental. Segundo Joana Bosak, ela é “mais uma reconstrução continuamente atualizada do passado do que uma restituição fiel dele” (BOSAK, 2006, p.49). Assim, o gaúcho ou *gaucho* real, isto é, aquele que tem suas raízes, que vive ou, ainda, se identifica com o campo, pode reviver seu passado através da leitura de obras literárias regionalistas tanto sul-rio-grandenses como rio-platenses e, mais recentemente, pode senti-lo representado nas canções regionais, oriundas dos artistas do meio nativista.

Quando falamos sobre o gaúcho, não podemos deixar de falar em fronteira, visto que o homem pampiano mantém laços estreitos com ela e, além disso, é e foi frequentemente protagonista de sua história. Cabe ressaltar que as fronteiras não são apenas marcos geográficos, mas marcos políticos estabelecidos pelos Estados e que, por isso, adquirem valor simbólico. Ainda assim, como mostra Sandra Pesavento, a fronteira é “um encerramento de um espaço, delimitação de algo, fixação de um conteúdo e de sentidos específicos” (PESAVENTO, 2004, p.109), o que conseqüentemente leva à construção de identidades. No entanto, essas identidades são formadas a partir do contato com o Outro, ou seja, com o sujeito que vive, neste caso, do outro lado da fronteira. Nesse sentido, podemos pensar que é a partir desse contato e da permeabilidade típica da região fronteira que surge “algo novo, híbrido, diferente, mestiço, que se insinua nessa situação de passagem (PESAVENTO, 2004, p.110). Se esse *algo* – a figura real de *gaucho* – é, por um lado, oriundo de uma mescla de europeus, índios e negros, por outro, é resultado de uma *mezcla* característica da zona de fronteira. Ainda é válido ressaltar, de acordo com Léa Masina, que

no Rio Grande do Sul, o *fronteiriço* não raro coincide com o *regional*, ambos entendidos como um espaço de trocas permanentes, que acolhe influxos culturais diversos, e onde se tornam visíveis os sintomas de resistência aos processos nacionalistas homogeneizadores (MASINA, 2004, p.97).

Devemos considerar, também, que a identidade do gaúcho está fortemente relacionada com a demarcação das fronteiras políticas dos três países pampianos. Aldyr Schlee nos aponta, desde sua visão genuinamente fronteiriça, um amplo conceito de identidade e do que é a fronteira, afirmando que

lá, mesmo com cédulas de identidade e cores nacionais, o conceito de identidade plural é sempre relativizado, porque construído não a partir da ideia de semelhança, mas notado e admitido como uma diferença que, antes de negar o outro, aceita-o e nele se baseia. Lá, quase imperceptivelmente, subvertem-se os conceitos de Estado, de nação, de povo, de herói e de bandido; e, especialmente, de região delimitada, na superação das ideologias do caráter nacional, através das quais sempre se pretende comprovar nossas boas qualidades e se trata de demonstrar as más qualidades do outro – o estrangeiro, o rival, o inimigo (SCHLEE, 2004, p.50).

Acreditamos ser de extrema importância, ainda, a exposição que o autor faz sobre a fronteira (neste caso, a de Jaguarão, BR – Río Branco, UY, lugar de seu nascimento; no entanto, é possível utilizá-la pensando em toda a faixa de fronteira que nosso estado, RS, compartilha com o Uruguai e a Argentina):

Talvez seja melhor lembrar que minha região da fronteira foi, primeiro, como todo o pampa, a terra sem donos, da abundância e do gado, o espaço aberto e livre trilhado por gaudérios e *changadores*, os bandidos coloniais que seriam a matriz inicial do homem pampiano – guacho – depois chamado *gaucho*, e gaúcho. Com o tempo, essa região virou região de passagem, pátria original dos sem-pátria, desde os encontros entre portugueses e espanhóis até a saga libertária artiguista, tanto antes como depois de o Uruguai tornar-se a República dos 33 *orientales* e o Brasil, o Império de D. Pedro I e da Província Cisplatina. Essa fronteira esteve acesa sempre e, dos dois lados, o homem fronteiriço precisou resistir e pelear, tanto contra o colonizador quanto contra o invasor e o sitiador – contra a dominação, a intervenção, o saque (SCHLEE, 2004, p.51).

A partir disso, podemos começar a pensar: quem é o gaúcho real sobre o qual falamos em nossa pesquisa? Destacamos, logo no princípio deste trabalho, que entendemos por gaúcho ou *gaucho* o homem nascido e formado na região pampiana (que compreende parte do Brasil – região sul e oeste do estado do Rio Grande do Sul –, o Uruguai e parte da Argentina. Estes dois últimos também fazem parte da chamada região rio-platense). No entanto, cabe reiterar que o “tipo” que temos por objeto de estudo passou, ao longo da história, por inúmeras ressignificações no que tange à sua nomenclatura e seu *status quo*, de acordo com o contexto sociocultural e econômico em que vivia. A origem do vocábulo “gaúcho” é incerta, e até chegarmos a ele passamos por dezenas de outros nomes, alguns deles já apresentados na *Introdução* – guasca, gaudério, *gaucho*. Para que possamos entender com maior clareza quem foi e é este homem, trazemos, a seguir, uma contextualização feita por Emilio Coni, quando diz que “desde los primeros tiempos de la conquista, los asalariados rurales se denominan

peones y en 1617 se califica de gente perdida a los que tienen librado su sustento en el campo”. Porém, já em meados da década de 1720,

el vaquero se llama changador, porque hace changas para los portugueses de la Colonia. En 1730 aparece en la Banda Oriental el arrimado o agregado, vagabundo de estancia en estancia. De 1730 a 1770 lo gauchesco va adquiriendo nuevas características que se expresan con los siguientes vocablos: matadores, ladrones de mujeres, vagabundos... malos mozos, cuchilleros, cuatros, delincuentes. Hacia 1765 aparece en la frontera luso-española la voz gauderio, aplicada al término changador, que comienza a tomar un carácter militar, pues el protagonista se pone al servicio de los portugueses para hostilizar y combatir a los españoles (CONI, 1969, apud RACEDO, 2008, p.28-29).

É de suma importância o que nos aponta Graciela Racedo ao explicar que

para poder ubicar al gaucho debemos conocer el desarrollo de la ganadería en el Río de la Plata teniendo en cuenta dos elementos: el hecho de que América fue colonizada por un país que vivía la etapa histórica de la descomposición del sistema feudal y de la acumulación originaria de capital, sufriendo la influencia del desarrollo del capitalismo europeo (RACEDO, 2008, p.29).

Devemos levar em conta, portanto, que o nosso “gaúcho” surge em um contexto socioeconômico típico da região pampiana, onde, para atender às necessidades da corte – e aqui tratamos de Espanha, levando em conta que o excerto supracitado é de uma autora argentina – se desenvolvia a criação de gado, visto que acontecia o auge da indústria manufatureira europeia e que, portanto, as metrópoles demandavam matérias-primas como couro e sebo *vacum* de suas colônias. No entanto, devemos considerar que a criação de gado acontecia, simultaneamente, no território sul-rio-grandense – aqui, corte portuguesa –, onde as formas de subsistência do homem campeiro eram as mesmas. Surge, então, a necessidade do gaúcho de tomar para si o gado livre do campo para logo aquerenciá-lo e, posteriormente, vender o couro extraído. Um pouco mais tarde, surgiria também o mercado de produtos derivados do gado, como bem nos esclarece Racedo (2008). Vale, ainda, destacar o trecho abaixo, que nos aponta, decisivamente, do que era fruto o *gaucho* – não pensando nas regiões rio-platense e sul-rio-grandense como ambientes distintos, mas como o território pampiano por excelência onde vivia um mesmo tipo humano – do séc. XVII ao XIX: “mezclábanse con negros, pardos y morenos, con indios que huían de las Misiones y llegaron a formar una capa social que encontró en la matanza de ganado cimarrón y en el contrabando, sus medios de vida” (REAL, 1961 apud RACEDO, 2008, p.30). Ele tem sua história paralela à história da criação de gado. Provém, portanto, de um velho e decadente processo de exploração da atividade rural, sua imagem sucumbiu pela criação extensiva de gado no pampa, como ressalta Schlee (2004). Seria aproximadamente no ano de 1830 que se transformaria em peão,

depois do surgimento e estabelecimento das primeiras estâncias na região pampiana. Levando em conta todas estas considerações sobre a formação do “tipo” *gaucho*, podemos defini-lo e localizá-lo, finalmente, apropriando-nos das palavras do escritor argentino Jorge Luis Borges, ao afirmar que

el descubrimiento de América, la caudalosa y no prevista multiplicación del ganado, la ocupación parcial de vastos territorios desiertos por aislados grupos de gente blanca, dieron desde Oregón hasta los confines australes del continente un tipo de pastor ecuestre, hecho a la intemperie, al rigor y a la soledad. Lo llamaron *cow-boy*, vaquero, sertanejo, gaúcho, guaso. Aquí se dijo gaucho y antes gauderio. Existen veintitantas etimologías de la palabra, lo cual es otro modo de decir que no existe ninguna (...) Fue menos un tipo étnico que un destino. Podía ser de origen hispánico, portugués, mestizo de indio o de negro. No importaba la estirpe. Fue, por lo general, hombre de mediana estatura, curtido por los soles y fuerte... el gaucho nunca se sintió español. Indio tampoco, ya que su tarea más ardua era defender las estancias contra las depredaciones de los salvajes. Dio sufridos soldados de caballería a las muchas guerras de nuestra victoriosa historia; fue desangrándose por toda América, desde Chile al Perú, bajo San Martín o Bolívar y en las campañas del Brasil y del Paraguay. Acaso no alcanzó el concepto abstracto de patria; fue leal a una divisa o a un jefe” (BORGES, 2007, p.126).

Podemos distinguir, a partir de agora, esse gaúcho real do gaúcho literário, idealizado e mitificado pelo nosso imaginário: “el gaucho real es el producto de un momento histórico económico concreto que va desde la colonia hasta la consolidación de la moderna industria ganadera” (RACEDO, 2008, p.). Por outro lado, o gaúcho literário “lo es desde una perspectiva ideológica y de la situación política y económica de los escritores gauchescos” (RACEDO, 2008, p.47-48). Este surge, mais expressivamente, no século XVIII na literatura rio-platense, mas alcança notoriedade em *Martin Fierro* (Hernández) no século XIX. Ainda de acordo com Racedo (2008), antes do surgimento do *gaucho literario* já havia poesia tradicional gauchesca, que apresentava “cuentos, leyendas, músicas y danzas, creencias y supersticiones, fiestas y juegos, prácticas consuetudinarias, habla, refranes, etc. En simple enumeración significaba todo lo que giraba en torno al caballo y a su mundo”. No entanto, essa poesia gauchesca era escrita por poetas urbanos cultos, homens letrados, o que nos leva a ter um *gaucho* como produto literário feito de projeções reais e imaginárias criadas por seus autores, deslocados do meio original. Poucos são os autores que transitaram entre os dois mundos – cidade e campo – e puderam falar sobre o gaúcho com propriedade. Dentre eles, podemos destacar José Hernández e Simões Lopes Neto, como bem observa Assis Brasil (2004), sobre os quais falaremos adiante.

No que tange ao regionalismo literário, podemos afirmar que as obras selecionadas para análise neste trabalho pertencem a tal vertente, já que ele “busca nas personagens, não o

que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente (...)” (PEREIRA, 1957, p.180). No entanto, embora haja esta associação das personagens com seu meio ambiente, entendemos que ela não as isola do mundo. Concordamos com Assis Brasil (2004) quando diz que

Não devemos pensar que o regionalismo, mesmo quando bem realizado, é uma literatura que nos isola; muito ao contrário, no momento em que é verdadeira literatura, isto é, no momento em que se realiza com apreciável quilate estético, passa a pertencer a todos, tornando-se reconhecível e incluindo-se na multiplicidade que caracteriza as culturas do globo (ASSIS BRASIL, 2004, p.38).

Nesse sentido, o ambiente pampiano, com as características socioculturais que possui e com todo o histórico de guerras por delimitações de territórios das quais foi cenário, se distingue das demais regiões do país e, conseqüentemente, singulariza seus habitantes frente a todos os que não pertencem a ele. Isso não apenas favorece, mas fomenta a produção literária, pois, segundo Bittencourt (1999),

a história rio-grandense oferece um manancial bastante rico representado tanto pelas inúmeras guerras e escaramuças que visavam à manutenção das fronteiras como, especialmente, pela Guerra dos Farrapos, a grande epopéia de um decênio que produzira matéria consistente e rica que alimentou boa parte da tradição oral. Os largos campos da região onde imperava o pastoreio era o cenário épico dessas batalhas (...) (BITTENCOURT, 1999, p.22).

Vale ressaltar que nas obras ficcionais regionalistas o gaúcho aparece como herói e, também, como anti-herói. O primeiro, segundo Ligia Chiappini, seria um tipo humano considerado ideal e o segundo o seu contrário – “o gaúcho da cidade, o trabalhador agrícola, geralmente colono, enfraquecido e envilecido por atividades degradantes e menos nobres do que o pastoreio” (CHIAPPINI, 1978, p.36). Ainda de acordo com a autora, as principais características do herói seriam “vitalidade, saúde, liberdade, força/valentia, honra/lealdade, bondade/pureza”, ao passo que as do anti-herói – negação do gaúcho – seriam “ruína, doença, escravidão, fragilidade/covardia, falta de honra/traição, maldade/corrupção” (CHIAPPINI, 1978, p.54). No entanto, devemos aclarar que essas construções são próprias do imaginário e construídas culturalmente, o que nem sempre condiz com a realidade. Schlee (2004) acrescentaria que esse gaúcho é uma “cria” típica de um gauchismo ufano, correspondente à ideologia de uma classe dominante. Ainda, diria que somente depois de passadas as guerras e de divididos os campos com a delimitação das fronteiras foi possível desvincular-se da imagem de guerreiro e herói e encontrar-se, finalmente, a do peão. O autor acrescenta que

foi ao descobrir esse gaúcho gente, o peão rural, que a literatura gaúcha sul-rio-grandense deu um salto de qualidade. Homem pobre do pampa, o

proletário rural, o peão de estância já não podia ser mais o gaúcho ideal – bravo e valente, heróico e guerreiro, alegre e hospitaleiro, honrado e leal, macho e viril, livre e desprendido (SCHLEE, 2004, p.52).

Contudo, devemos ter claro também o fato de que na nossa literatura regionalista, durante muito tempo, houve certa “compulsão nomeadora”, como apresenta Assis Brasil (2004), em que os escritores sentiam a necessidade de retratar tudo o que dizia respeito ao homem do campo, às suas lides e seus costumes, com o intuito de mostrá-lo, nomeando a si mesmo e ao seu lugar para, finalmente, marcar sua identidade. Podemos dizer, portanto, que essa mesma compulsão – nomeadora e criadora – “fez com que os enredos regionalistas retratassem sucessões invariáveis de clichês: a marcação de gado, o ‘parar o rodeio’³, o fandango, etc. Tudo isso resulta num quadro superficial e meramente decorativo, que persiste em certos meios” (ASSIS BRASIL, 2004, p.36). Essa necessidade de nomeação e identificação possivelmente tenha surgido em consequência do olhar do Outro em relação ao gaúcho. Sabemos que quando lançamos um olhar a algo desconhecido, ele vai repleto de curiosidade, a ponto de encararmos esse algo até mesmo como exótico. Pode-se notar que essa característica se estende, de um modo geral, à literatura da América Latina, continente “descoberto” e colonizado pelos europeus (portugueses e espanhóis) entre os séculos XVI e XIX. Nesse sentido, podemos pensar que

os escritores latino-americanos, tomando para si esse mesmo olhar, procuram despi-lo de estranhezas, e daí a obsessão descritiva: na medida em que posso reduzir o exótico a uma perspectiva comportada e assimilável mediante códigos estéticos universais, eu deixo de ser o bárbaro, passando a conviver numa ambiência civilizada (ASSIS BRASIL, 2004, p.33-34).

Nesse sentido, quando deixamos de ser “bárbaros”, podemos mostrar ao mundo quem realmente somos e, conseqüentemente, mostrar nossa cultura. Entendemos que “la cultura se manifiesta en el lenguaje, en el pensamiento y en la manera en la que los seres humanos deben comportarse en situaciones sociales concretas. De este modo la gente va adaptándose a la conducta común y, en ocasiones, a las actitudes expresivas”, como acertadamente aponta Lobato (1999 *apud* LIMA, 2010, p.9). Além disso, acreditamos ser de suma importância destacar que

a cultura não é uma entidade estática, mas a cultura define-se como processo. Sendo processo, não pode restringir-se a uma eterna e única verdade; muito ao contrário: é da essência do processo a mutabilidade, na medida em que alguns elementos são afastados para darem lugar a outros, e assim numa série infundável e marcadamente imprevisível (...) os eixos definidores do processo

³ Expressão utilizada na linguagem campestre que significa juntar o gado em um lugar para vaciná-lo, para marcá-lo, para curá-lo de algum ferimento, etc.

cultural sul-rio-grandense passam necessariamente pelo hibridismo étnico (ASSIS BRASIL, 2004, p.38-39).

Entendemos, contudo, que a cultura do gaúcho está diretamente relacionada ao ambiente onde ele foi forjado e vive – o pampa –, isto é, não há como pensar em sua figura sem levar em conta as características da região pampiana ou rio-platense. A palavra *pampa*, segundo estudiosos da área, tem origem na língua indígena *quechua*, em que significa “un espacio de terreno absolutamente llano y cubierto de pasto” (BECCO, 1998, p.31). Podemos ver no depoimento de Roberto Graham, presente no livro *El gaucho*, de Horacio Becco e Carlos Dellepiane Calcen (1998) – responsáveis, respectivamente, pela documentação e iconografia do gaúcho rio-platense do século XIX – que acertadamente os *quechuas* batizaram este espaço de planuras (*llanuras*) como *pampa*, lugar onde viviam tanto os índios como os *gauchos*:

todo allá era espacioso, vasto; la tierra, el cielo, la ondulante y trémula manada de caballos y ganados; los maravillosos juegos de la luz; las tempestades furiosas y supremas, y, por sobre todo, el ánimo de los hombres, que se sentían libres, cara a cara con la naturaleza, bajo aquellos hondos cielos meridionales (GRAHAM, 1870 apud BECCO, 1998, p.31).

Essa liberdade que os homens sentiam se dava por saberem o que a infinitude pampiana lhes proporcionava. Contudo, podemos afirmar que ela engendrava perigo por sua vastidão e variedade de animais silvestres, o que levava à necessidade de conhecê-la bem e, também, ter um fiel companheiro – o cavalo. Podemos dizer, então, que “el hombre, el gaucho, nació y se desarrolló en este escenario amplio y violento. La experimentación lo indujo a proporcionarse los elementos imprescindibles y el auxilio del caballo” (BECCO, 1998, p.9). Destacamos, ainda, que

la llanura es la circunstancia de su contorno, sobre la cual se sentirá independiente y libre, envuelto por el horizonte. Esa llanura será su cama, en los límites del apero, bajo el poncho de la noche; y los vientos de esa pampa, huracanados y cortantes, trabajarán su rostro con ásperos y calientes ramalazos del sol (BECCO, 1998, p.11).

3 O MITO DO GAÚCHO EM CÂNONES DA LITERATURA PAMPIANA

Baseando-nos no contexto sociocultural e histórico – isto é, o berço do gaúcho – que apresentamos no capítulo anterior, reforçamos que a figura escolhida como objeto de estudo desta pesquisa possivelmente seja mais um fruto social que étnico. Para chegar a esta afirmação, levamos em conta o fato de que seus traços físicos, bem como os psicológicos, foram sendo moldados de acordo ao ambiente e a época em que vivia. A vastidão pampiana o tornou valente para enfrentar as adversidades com as quais se deparava e, ao mesmo tempo, proporcionou-lhe a liberdade de andejar pelos campos, recorrendo o gado que encontrava e sobrevivendo de pequenas *changas*. Daí a característica de ser andarilho, quer dizer, de não ter lugar certo para morar e, conseqüentemente, não firmar “raízes” físicas, nem mesmo laços afetivos. Além disso, o clima de dita região, que possui geralmente temperaturas extremas – tanto no frio quanto no calor –, traçou seu rosto, seus costumes e seus gostos. O trecho que segue nos dá respaldo para que cheguemos a tais considerações:

El gaucho tuvo un extraño y trágico destino de vivir a cielo descubierto. En esa desolación aterradora debió proponer una solución para su vivir diario, y además, vigilar la acechanza del salvaje, dispuesto a lanzarse sobre él, surgiendo bruscamente con sus gritos y el sordo rumor de sus galopes. Basta imaginar sus noches bajo el cielo desnudo, su encuentro en las vaquerías primitivas, saber que solamente tirando el lazo detenía el alimento vacuno, que lanzándose en grupos con desjarretar se amontonaban los cueros (...) así fue afirmando su personalidad y sus valores morales que, a veces, en los choques con el indio se transformaban en los mismos atributos del salvaje, pues de no arremeter con coraje y lancear impiadadamente al enemigo, padecería el exterminio (BECCO, 1998, p.10).

E é a partir destas asperezas que chegamos a figura primordial do gaúcho que apresentaremos neste capítulo, primeiramente, a partir de uma das obras literárias de maior importância da região rio-plantense, *El gaucho Martin Fierro*, de José Hernández (2006). Seguiremos a ordem cronológica da data de publicação das obras, para que haja uma melhor compreensão do contexto histórico e social e, ao mesmo tempo, para que se possa perceber a mudança no papel do homem pampiano. Assim, depois de *Martin Fierro*, analisaremos *Contos Gauchescos* (Simões Lopes Neto, 1912), *Don Segundo Sombra* (Ricardo Güiraldes, 1926) e, finalmente, *Um certo capitão Rodrigo* (O continente, Erico Verissimo, 1949).

3.1 *El gaucho Martin Fierro* (José Hernández)⁴

*Aquí me pongo a cantar
Al compás de la vigüela⁵
Que al hombre que lo desvela
Una pena extraordinaria
Como la ave solitaria
Con el cantar se consuela*

José Hernández

Como primeira estrofe do poema, os versos acima citados apontam o que se verá ao longo da obra de Hernández: um *gaucho* solitário, sofrido, que se consola contando e cantando suas penas, acompanhado sempre pela guitarra. No entanto, esse homem adquiriu, ao longo do tempo, certas características que hoje formam um estereótipo de gaúcho, de modo que quando se pensa em sua figura, surgem automaticamente imagens mentais de um ser forte, valente, bravo, digno, aliadas à imagem do churrasco, do chimarrão, do cavalo e, inevitavelmente, das *pilchas* que ele utiliza em seu cotidiano (bota, bombacha, chapéu, lenço, alpargata, tirador, etc.).

A bravura é uma de suas principais características, e podemos observá-la já na primeira parte do poema, quando a personagem diz “*Mas ande⁶ otro criollo pasa / Martin Fierro ha de pasar / nada le hace recular / ni los fantasmas lo espantan*” (HERNÁNDEZ, 2006, p. 8). Há que se considerar, também, que o gaúcho, quando acompanhado por sua guitarra – e, conseqüentemente, pelo canto – se torna mais valente do que o habitual, como observamos em “*Yo soy toro en mi rodeo / y torazo en rodeo ajeno / siempre me tuve por güeno⁷ / y si me quieren probar / salgan otros a cantar / y veremos quién es menos*” (HERNÁNDEZ, 2006, p.9). Isso se deve, talvez, ao fato de que no ato de cantar já não é mais *Martin Fierro*, o narrador, quem diz suas verdades, mas uma terceira pessoa que, por não falar de si, agrega maior valor à fala. Ainda, podemos notar em *Martin Fierro* o gosto pela imensidão da terra – mais especificamente do pampa – e o destemor pelo que ela proporciona:

⁴ *El gaucho Martin Fierro* é um poema narrativo argentino escrito em 1872 por José Hernández, considerado exemplar da literatura de gênero gauchesco, que abarca obras argentinas, uruguaias e sul-rio-grandenses. Em 1879 o autor publica *La vuelta de Martin Fierro*, dando continuidade ao primeiro e, a partir disso, as obras passam a ser chamadas de *la ida* e *la vuelta* de *Martin Fierro*. Ambos poemas são considerados como livro nacional da Argentina com o título genérico *El Martin Fierro*. Escolhemos para análise, especificamente, a primeira parte do poema em *la vuelta* devido a sua extensão e ao fato de que, já nesta parte, tem-se uma boa representação do mito.

⁵ Vigüela: guitarra

⁶ Ande: donde

⁷ Güeno: bueno

“Soy gaucho y entiéndanlo / como mi lengua lo explica / para mí la tierra es chica / y pudiera ser mayor / ni la víbora me pica / ni quema mi frente el sol” (HERNÁNDEZ, 2006, p.9).

É notório o fato de que o sentimento de liberdade sempre fez parte da identidade gaúcha. Ora, isso nos parece claro se pensamos que nos primórdios da colonização da América Latina não havia limites de território, isto é, não havia delimitação por marcos físicos e, mais ainda, não havia cercas – ou aramados – que delimitassem os campos do pampa. Portanto, o gaúcho transitava livremente de sul a norte, de leste a oeste pela região rio-platense, guiado unicamente por seu instinto. Podemos observá-lo através dos versos a seguir: *“Mi gloria es vivir tan libre / como el pájaro del cielo / no hago nido en este suelo / ande hay tanto que sufrir / y naidés⁸ me ha de seguir / cuando yo remonto el vuelo”* (HERNÁNDEZ, 2006, p.10).

Sendo literatura regionalista, este poema retrata, em sua maior parte, cenas de lida campeira como o rodeio, a *jineteada*, a doma de cavalos, além de apresentar, claramente, os *aperos* utilizados no seu cotidiano, como podemos ver nos versos a seguir: *“Este se ata las espuelas / se sale el otro cantando / uno busca un pellón⁹ blando / este un lazo, otro un rebenque / y los pingos relinchando / los llaman desde el palenque”* (HERNÁNDEZ, 2006, p.12). Além disso, destacamos que o orgulho pelo seu modo de viver e o prazer em fazer a lida do campo é uma marca na personalidade do gaúcho: *“¡Ah, tiempos!, si era un orgullo / ver jinetear un paysano / cuando era gaucho vaquiano / aunque el potro se boliase / no había uno que no parase / con el cabresto en la mano”* (HERNÁNDEZ, 2006, p.13). Do mesmo modo, vemos nos versos a seguir que essa lida campeira era um entretenimento para os homens, chegando, por vezes, a ser como uma “diversão”: *“Y mientras domaban unos / otros al campo salían / y la hacienda recogían / las manadas repuntaban / y así, sin sentir, pasaban / entretenidos el día”* (HERNÁNDEZ, 2006, p.13).

No entanto, algumas estrofes abaixo, já é possível perceber como aquele tempo de bonanças não mais existe – o gaúcho aparece sofrido: *“Ricuerdo, ¡qué maravilla / como andaba la gauchada! / siempre alegre y bien montada / y dispuesta pa’ el trabajo / pero hoy en día, ¡barajo! / no se la ve de aporriada”* (HERNÁNDEZ, 2006, p.14). A “gauchada” aqui está “aporriada” de tanto lutar por sua sobrevivência, já que, naquela época, tinha de defender as fronteiras argentinas dos índios – *salvajes* – com os raros e precários recursos que o exército disponibilizava. Devido à dificuldade em adaptar-se àquele contexto, alguns homens fugiam da fronteira ou, antes, recusavam-se a servir ao exército e, conseqüentemente, eram

⁸ Naidés: nadie

⁹ Pellón: cojinillo, pieza del apero

perseguidos pelas autoridades. Podemos observar tal situação nos versos que seguem: “*Estaba el gaucho en su pago / con toda seguridá / pero aura¹⁰... ¡barbaridá! / la cosa anda tan fruncida / que gasta el pobre la vida / en juir de la autoridá*” (HERNÁNDEZ, 2006, p.15). Ainda, podemos notar o poder da autoridade local que, neste caso, era o alcalde: “*Pues si usted pisa en su rancho / y si el alcalde lo sabe / lo caza lo mesmo que ave / aunque su mujer aborte... / no hay tiempo que no se acabe / ni tiento que no se corte*” (HERNÁNDEZ, 2006, p.16). Não havia negociação entre as autoridades e os civis, e a violência era usada para recrutá-los: “*Y el lomo le hinchán a golpes / y le rompen la cabeza / y luego con ligereza / así, lastimao y todo / lo amarran codo a codo / y pa’ el cepo lo enderizezan / Ay comienzan sus desgracias / ay principa el pericón¹¹ / porque ya no hay salvación / y que usted quiera o no quiera / lo mandan a la frontera / o lo echan a un batallón*” (HERNÁNDEZ, 2006, p.16). Daí a figura de um gaúcho sofrido e – por que não? – “ressabiado” com as formas de governo e as injustiças pelas quais, inevitavelmente, passava. Esta mesma imagem aparecerá mais adiante, quando analisaremos algumas letras de canções nativistas. Com base nas duas estrofes trazidas anteriormente, podemos finalizar destacando os versos que, de certo modo, mostram a posição desconfortável do gaúcho que luta por seus direitos ou, mais ainda, pela sobrevivência: “*Y después dicen que es malo / el gaucho si los pelea*” (HERNÁNDEZ, 2006, p.16).

3.2 Contos Gauchescos (João Simões Lopes Neto)¹²

Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense, hoje tão modificado, era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável, e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco (LOPES NETO, 1998, p.3).

Assim é definido Blau Nunes, personagem responsável por contar aos leitores os “causos” presentes na obra Contos Gauchescos. Essa definição de um tipo crioulo – entendendo-o aqui como nativo – parece extremamente adequada e condizente com o que apresentamos no capítulo anterior sobre o gaúcho. Além das características já sabidas de

¹⁰ Aura: ahora

¹¹ Pericón: baile, fiesta

¹² Obra do escritor pelotense Simões Lopes Neto, composta por dezenove contos, editada pela primeira vez em 1912, que apresenta histórias ou “causos” de peões e guerreiros do Rio Grande do Sul através da narração da personagem Blau Nunes. Escolhemos para análise, especificamente, os contos Trezentas onças, Negro Bonifácio, No manantial, Correr eguada, Chasque do imperador e Os cabelos da china, por encontrar neles traços do mito do gaúcho que consideramos de fundamental importância.

herói, como força, vitalidade, valentia, bondade e ingenuidade, lealdade, liberdade, entre outras, agora são somadas ao mito a precaução, a perspicácia e a sobriedade, bem como a loquacidade de seu dialeto gauchesco, evidente em seu falar.

Dentre essas virtudes, a lealdade tem fundamental importância no caráter do gaúcho, principalmente no que diz respeito à sua relação com o patrão. Este lhe disponibiliza o trabalho – seu sustento – e um lugar para viver, seja na estância ou nos seus arredores; em troca, aquele deve fazer a lida que lhe é destinada, considerando sempre a honra e a lealdade a quem trabalha. Podemos observar no conto *Trezentas Onças* o sentimento de vergonha que Blau Nunes tem ao supor que poderia ser considerado ladrão, chegando a pensar que seria melhor a morte:

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar (...) E logo uma tenção ruim entrou-me pelos miolos: eu devia matar-me para não sofrer a vergonha daquela suposição (...) Senti um frio dentro da alma, o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado! Roubado! Pois então eu ia lá perder as onças! ... Qual! Ladrão, ladrão, é que era! (LOPES NETO, 1998, p.5)

Ainda, vale ressaltar que, ao relacionar-se com seus “superiores”, o gaúcho demonstra humildade, além de obediência e servidão, como vemos em: “O senhor imperador vai ficar mal servido: sou um gaúcho mui cru; mas para cumprir ordens e dar o pelego, tão bom haverá, melhor que eu, não!” (LOPES NETO, 1998, p.28).

No mesmo conto, pode-se notar a presença de uma fé, ainda que um tanto “desconfiada”, na fala de Blau, pois se refere a Deus em várias ocasiões mas, principalmente, nas de risco. No fragmento a seguir, vê-se claramente: “- Patrício! Não me avexo de uma heresia, mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção” (LOPES NETO, 1998, p.5). Essa fé pode ser percebida, também, nas saudações entre as personagens: “Então fui para dentro, na porta dei o: - Louvado seja Jesu-Cristo, boa noite!” (LOPES NETO, 1998, p.5).

É importante destacar que o gaúcho sempre aparece mantendo forte ligação de respeito à natureza e, conseqüentemente, aos animais – pode-se dizer que o cavalo é como uma extensão de seu corpo. No entanto, ele observa e admira cada um deles, mesmo os pequenos: “O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança” (LOPES NETO, 1998, p.5). O cachorro, ou “cusco”, aliás, desempenha papel importante ao lado do gaúcho, estando sempre ao seu lado nas horas de lida campeira. Mas quando se trata de cavalo, devido à posição que ele ocupa, a descrição é sempre mais longa e enfática: “E bem montado, vinha

num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura, mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo” (LOPES NETO, 1998, p.6).

Nesta obra regionalista, assim como em muitas outras pertencentes à literatura gauchesca, encontra-se a figura de um gaúcho “pachola”, característica que se deve tanto às suas atitudes quanto à vestimenta. Isto é notório no excerto a seguir:

Eta! Negro pachola! De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudadas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino! E na cintura, atravessado com entono, um facão de três palmos, de conta. Na pabulagem, andava sozinho: quando falava, era alto e grosso e sem olhar pra ninguém. Era um governo, o negro! (LOPES NETO, 1998, p.7)

Em se tratando de uma literatura escrita após um período de guerras – no Rio Grande do Sul, durante o século XIX, houve a Revolução Farroupilha (1835-1845) e, também, a Revolução de 93 (1893-1895) – parece natural que muitos resquícios dessa época revolucionária apareçam com frequência nos textos. Encontramos neles tanto a valentia, a força e a bravura do homem campeiro quanto a brutalidade com que agia frente às situações de perigo. Lutava-se pela sobrevivência e, sobretudo, lutava-se para proteger e manter a honra, que é o que, de fato, mais importava. A violência característica dessas disputas aparece de forma clara no fragmento a seguir, bem como a teimosia em seguir a “peleia”, ainda que com ferimentos em todo o corpo:

E então, foi uma cousa bárbara! Em quatro paleteadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgravatando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou estivado de gente estropeada, espirrando a sangueira naquele reduto. É verdade também que ele estava todo esfuracado: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiúno empacador, mas não quebrava o corincho, o trabuzana! (LOPES NETO, 1998, p.8)

Essa brutalidade e – por que não – primitivismo no modo de agir era natural na época em que o gaúcho vivia livre pelo pampa, sobrevivendo aos mais variados desafios com os que se deparava. Dentre as atividades necessárias à sobrevivência neste ambiente hostil estava a de “correr eguada”, em que os homens reuniam todos os cavalos sem dono que, por serem inúmeros, causavam embaraço durante a lida campeira, levando-os para onde houvesse um “sumidouro” em que todos caíssem, amontoados, sem poder recuar e, conseqüentemente, morressem. Essa atividade era considerada diversão para os homens de então, como podemos ver no trecho que segue:

Eguada xucra, potrada orelhana, isso, era imundície, por esses campos de Deus; miles e miles! E bicho brabo pra se tropear, esse! Barulhento, espantadiço, disparador e ligeiro, como trezentos diabos! Mas, como quera, era sempre um divertimento macanudo, uma volteada de baguais! (...) A gente entrava a manguear, aos dois lados, e então é que começava, de verdade, o divertimento! Arrematava-se três, quatro, cinco fletes; corria-se sem parar, seis, dez, doze léguas... e no fim estava-se folheiro! Barbaridade, nem há nada como tomar mate e correr eguada! (LOPES NETO, 1998, p.24).

Por outro lado, o gaúcho sobre o qual falamos também demonstrava destreza nas mais variadas atividades que a vida no campo lhe exigia, desde a construção de “ranchos” ao plantio de pequenas lavouras. Além disso, algumas das atividades mais valorizadas nesse contexto eram a doma e a castração dos cavalos e touros. Podemos observar essas questões no trecho do conto *No Manantial* que segue:

O paisano era trabalhador e entendido nas cousas; desde o torrão para os ranchos, e quincar, madeiras, cercados, lavoura, tudo passou pelas suas mãos. E tanto falquejava um linhote como semeava uma quarta de trigo, e já capava um touro como amansiaava um bagual (LOPES NETO, 1998, p.11).

Sobretudo, a valentia está como uma das virtudes mais notáveis do gaúcho, e aparece frequentemente na literatura regionalista pampiana. Essa valentia pode ser medida nos momentos em que ele se vê em situações arriscadas ou, ainda, difíceis de resolver, como é o caso da doma de cavalos. Poucos são os “ginetes” que conseguem êxito em dita tarefa e, os que conseguem, recebem em troca o respeito dos demais:

Valente como quê... e ginete, então, nem se fala! Para montar, isso sim, fosse potro cru ou qualquer aporreado, caborteiro ou velhaco – o diabo, que fosse! –, ele enfrenava e bancava-se em cima, quieto como vancê ou eu, sentados num toco de pau! Podia o bagual esconder a cabeça, berrar, despedaçar-se em corcovos, que o chiru velho batia o isqueiro e acendia o pito, como qualquer dona acende a candeia em cima da mesa! (LOPES NETO, 1998, p.31).

É válido considerar que não só em Contos Gauchescos, mas na maioria das obras regionalistas que têm o *gaucho* como tema, aparece, com frequência, a indumentária que ele utiliza durante a lida campeira e até mesmo em momentos de diversão. Percebemos, detalhadamente, no excerto abaixo, parte de sua “pilcha”: “E a gauchada quase toda em pêlo. Uns de bombacha, outros de chiripá; muitos sem chapéu, muitos de lenço na cabeça; tudo em mangas de camisa e faca atravessada” (LOPES NETO, 1998, p.24).

Entretanto, algo que merece destaque é o papel desempenhado pelo hábitat desse homem rural – o pampa, visto que ele interfere não apenas em sua personalidade, mas em todos os costumes e mesmo traços físicos. Em um primeiro momento, quando se pensa na região pampiana logo vem à mente a ideia de liberdade, de vastidão, posto a inexistência de

limites ou barreiras físicas no campo e, com isso, vê-se a alegria do homem que usufrui da sua condição de livre. Nesse tempo, em que se podia caçar os animais e “carnear” à vontade, a felicidade fazia parte de sua vida, como vemos no fragmento do conto que segue: “Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa, apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas e querências (...) Mas vivia-se bem, carne gorda sobrava, e potrada linda isso era ao cair do laço.” (LOPES NETO, 1998, p.10)

Ainda, a ausência de limites físicos por toda a extensão do pampa é um fator constante nestes textos literários: “Tudo era aberto; as estâncias pegavam umas nas outras sem cerca nem tapumes; as divisas de cada uma estavam escritas nos papéis das sesmarias; e lá um que outro estancieiro é que metia marcos de pedra nas linhas” (LOPES NETO, 1998, p.24).

Há outro fato que merece ser considerado, posto que aparece nas obras que estão em análise nesta pesquisa: a xenofobia. O gaúcho não convivia de forma harmônica com o outro, o estrangeiro e até mesmo o índio. Sempre que uma dessas figuras aparece nas obras regionalistas são motivo de escárnio, chegando, por vezes, a serem menosprezados – tanto por seu jeito de ser “diferente” como por não ser apto à lida campeira. Podemos observá-lo no trecho do conto *Chasque do Imperador* abaixo: “O outro, o ruivo, assim a modo um gringo, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas. Pela pinta devia ser mui maturrango” (LOPES NETO, 1998, p.27).

Finalmente, é relevante destacar que, depois dos tempos de guerra, se por um lado o gaúcho pode estabelecer-se no rancho e viver como peão – chegando mesmo a constituir família, por outro começava o processo de desenvolvimento da cidade. Com os avanços que ela tomava, muitas pessoas que viviam no campo decidiram ir para os pequenos centros urbanos que se formavam para trabalhar e, mais tardiamente, com sorte, estudar. Com o êxodo rural, nota-se, tanto no gaúcho que permanece no campo como no que vai para a cidade – como veremos mais adiante nas canções, certa nostalgia em suas manifestações, como podemos observar no fragmento abaixo:

O arranchamento ficou abandonado; e foi chovendo dentro; desabou um canto de parede; caiu uma porta, os cachorros gaudérios já dormiam lá dentro. Debaxo dos caibros havia ninhos de morcegos e no copiar pousavam as corujas; os ventos derrubaram os galpões, os andantes queimaram as cercas, o gado fez paradeiro na quinta. O arranchamento alegre e farto foi desaparecendo, o feitiço da mão de gente foi-se gastando, tudo foi minguando; as carquejas e as embiras invadiram; o gravatá lastrou; só o umbu foi guapeando, mas abichornado, como viúvo que se deu bem em casado. Foi ficando tapera... a tapera, que é sempre lugar tristonho onde parece que a gente vê gente que nunca viu, onde parece que até as árvores perguntam a quem chega: - onde está quem me plantou? (LOPES NETO, 1998, p.16)

3.3 *Don Segundo Sombra* (Ricardo Güiraldes) ¹³

Atentaremos, a partir de agora, a outra figura literária pampiana, pertencente à literatura argentina, que representa o mito do gaúcho de maneira muito semelhante às que vimos até o momento, e que se, por um lado, o faz por meio de outro gênero do discurso – a novela, por outro, demonstra que este “tipo” permanece, de fato, com muitas de suas características físicas e psicológicas apresentadas na Introdução. Devemos aclarar que esta novela foi escrita, praticamente, quase cinquenta anos após a publicação de *La vuelta de Martín Fierro*, obra considerada como a maior representação do gaúcho na argentina. Deste modo, conhecemos a personagem *Don Segundo Sombra* através das pilchas apresentadas na descrição e, assim, percebemos o tipo que vai atuar na obra de Güiraldes, como observamos no trecho a seguir:

Su indumentaria era de gaucha pobre. Un simple chanchero rodeaba su cintura. La blusa corta se levantaba un poco sobre un «cabo de güeso», del cual pendía el rebenque tosco y ennegrecido por el uso. El chiripá era largo, talar, y un simple pañuelo negro se anudaba en torno a su cuello, con las puntas divididas sobre el hombro. Las alpargatas tenían sobre el empeine un tajo para contener el pie carnudo (GÜIRALDES, 1926, p.10).

Logo na primeira parte do livro notamos a importância que a liberdade tem para o gaúcho. O personagem/narrador é um menino de catorze anos que decide sair de casa e da companhia e cuidados de suas tias para viver no campo, trabalhando como peão em pequenas *changas* que aparecessem, sob os cuidados de um *paisano* que é, justamente, Don Segundo Sombra. Quando ele, de fato, resolve libertar-se, não apenas sente-se adulto – homem responsável por si e, mais ainda, *gaucha* –, mas toda a natureza, por completo, parece resplandecer diante de seus olhos, acompanhando seu amadurecimento. Isso fica claro no fragmento abaixo:

con caballo de tiro y ropa en el poncho, como verdadero paisano, salí del pueblo hacia los campos (...) Sentíame en poder de un contento indescriptible. Una luz fresca chorreaba de oro el campo. Mis petizos parecían como esmaltados de color nuevo. En derredor, los pastizales renacían en silencio, chispeantes de rocío; y me reí de inmenso contento, me reí de libertad, mientras mis ojos se llenaban de cristales como si también ellos se renovarán en el sereno matinal (GÜIRALDES, 1926, p.14).

É notório, também, que a vida na cidade ou, mais ainda, nos limites da estância, era menosprezada, como vemos em: “*Adiós vida de estancia, ya veríamos lo que nos reservaban*

¹³ Novela rural argentina escrita por Ricardo Güiraldes e publicada em 1926. Não há aqui uma reivindicação social do gaúcho como em *Martín Fierro*, mas uma evocação de um personagem lendário – uma “sombra” –, como um intento do autor em renovar a literatura gauchesca. Se em *Martín Fierro* o personagem principal/narrador foi uma criação ficcional de Hernández, em *Don Segundo Sombra* foi inspirado em um *paisano* real (Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Don_Segundo_Sombra Acesso em: 05 fev. 2013)

los caminos y el campo sin huellas” (GÜIRALDES, 1926, p.26). Além disso, todo o pampa parecia em harmonia com sua decisão de partida e lhe dava força para a nova fase: “Respiré hondamente el aliento de los campos dormidos. Era una oscuridad serena, alegrada de luminares lucientes como chispas de un fuego ruidoso. Al dejar que entrara en mí aquel silencio me sentí más fuerte y más grande” (GÜIRALDES, 1926, p.26). A alegria resultante do fato de sentir-se gaúcho é muito clara em suas falas: “¡Qué distintas imágenes surgían de mi nueva situación! Para constatarlo no tenía más que mirar mi indumentaria de gaucho, mi pingo, mi recado” (GÜIRALDES, 1926, p.44). Ainda, destacamos a comoção que o menino apresenta frente à nova situação e às novas companhias de “gauchada” – o modo de vestir e de ser dos tropeiros ou *reseros* –, pois tudo se engrandece a seus olhos a partir de então:

Todos me parecían más grandes, más robustos y en sus ojos se adivinaban los caminos del mañana. De peones de estancia habían pasado a ser hombres de pampa. Tenían alma de reseros, que es tener alma de horizonte. Sus ropas no eran las del día anterior; más rústica, más práctica, cada prenda de sus indumentarias decía los movimientos venideros. Me dominó la rudeza de aquellos tipos callados y, no sé si por timidez o por respeto, dejé caer la barbilla sobre el pecho, encerrando así mi emoción (GÜIRALDES, 1926, p.28).

Além disso, ter cavalos e *aperos* (rédeas, buçal, manea, loncas e tentos), ademais das roupas e do *poncho*, que lhe serve de teto – *cobija* – era um forte motivo para estar tranquilo e feliz, visto que tinha tudo que lhe era necessário para viver:

¿Qué más quería? Tres petizos, de los cuales uno chúcaro que podía reservarme una mala sorpresa, es cierto, recado completo con su juego de riendas y bozal, su manea, lonjas y tientos, ropa para mudarme en caso de mojadura y buen poncho que es cobija, abrigo e impermeable. Con menos avíos, a la verdad, suele salir un resero hecho (GÜIRALDES, 1926, p.27).

Como apontamos anteriormente, uma das características do nosso gaúcho é a humildade: reconhece seu lugar e papel nas lides do campo ou da estância e respeita, acima de tudo, o patrão. Isso fica claro quando lemos o diálogo entre o menino e Don Segundo, quando este lhe diz: “ – Muchas leyes parece que tenés, pero es güeno no querer volar antes de criar bien las alas. Sos muy cachorro pa miar como los perros grandes”. Em seguida aparece o que sentiu o menino e como respondeu a seu padrinho: “Una mirada me había bastado para saber quién me hablaba y esa vez agaché la cabeza, diciendo mansamente, como corresponde cuando se habla con un mayor: – No crea señor, también sé respetar” (GÜIRALDES, 1926, p.16). Ainda nesse sentido, após esse diálogo o respeito segue à tona, pois o *jovencito* toma conhecimento do quanto ignora sobre a vida campesina e faz reflexões a respeito:

Antes de andar haciéndome el “taita”, tenía por cierto que aprender a carnear, enlazar, pialar, domar, correr como la gente en el rodeo, hacer riendas, bozales y cabestros, lonjear, sacar tientos, echar botones, esquilar, tuzar, bolear, curar el mal del vaso, el haba, los hormigueros y qué sé yo cuántas cosas más. Desconsolado ante este programa, murmuré a título de máxima: “Una cosa es cantar solo y otra cosa es con guitarra” (GÜIRALDES, 1926, p.38).

No entanto, não tardou em aprender os ofícios que precisava dominar para, finalmente, tornar-se um homem campesino de fato. Ao longo de cinco anos, no período de sua adolescência, convivendo e observando diariamente Don Segundo, o jovem passou por um processo de amadurecimento: “Cinco años habían pasado sin que nos separáramos ni un solo día (...) Cinco años de esos hacen de un chico un gaucho, cuando se ha tenido la suerte de vivirlos al lado de un hombre como el que yo llamaba mi padrino” (GÜIRALDES, 1926, p.44). Vale aclarar que, aqui, ser gaúcho é algo de valor incomensurável – é algo melhor que ser homem, como vemos em seguida: “Ya has corrido mundo y te has hecho hombre, mejor que hombre, gaucho. El que sabe los males de esta tierra por haberlos vivido, se ha templao para domarlos” (GÜIRALDES, 1926, p.91). Ressaltamos que o domínio dessas lides era algo essencial para a sobrevivência na hostilidade do ambiente pampiano. É interessante observar, também, que o crescimento decorrente da convivência com o *gaucho* não se deu apenas no âmbito prático – pensando aqui em algo literalmente físico, mas também no moral, como podemos notar no fragmento que segue:

Él fue quien me guió pacientemente hacia todos los conocimientos de hombre de pampa. Él me enseñó los saberes del resero, las artimañas del domador, el manejo del lazo y las boleadoras, la difícil ciencia de formar un buen caballo para el aparte y las pechadas, el entablar una tropilla y hacerla parar a mano en el campo, hasta poder agarrar los animales dónde y cómo quisiera. Viéndolo me hice listo para la preparación de lonjas y tientos, con los que luego hacía mis bozales, riendas, cinchones, encimeras, así como para ingerir lazos y colocar argollas y presillas. Me volví médico de mi tropilla, bajo su vigilancia (...) También por él supe de la vida la resistencia y la entereza en la lucha, el fatalismo en aceptar sin rezongos lo sucedido, la fuerza moral ante las aventuras sentimentales, la desconfianza para con las mujeres y la bebida, la prudencia entre los forasteros, la fe en los amigos (GÜIRALDES, 1926, p.45).

Por ter aprendido a utilizar-se da força moral frente às aventuras sentimentais e a ter desconfiança para com as mulheres, quando se depara com a paixão, de fato, por uma mulher, faz muitas reflexões a respeito, ponderando sobre sua verdadeira posição de gaúcho, homem que é – por essência – livre e arredio a qualquer coisa que tente lhe prender: “¿Qué puede hacer un hombre, en tal situación, y para qué sirve un gaucho que se deja ablandar por esas querencias? Tras de todo veía mi libertad, mi fuerza. Sin embargo me disculpaba con argumentas de circunstancia” (GÜIRALDES, 1926, p.99). Outras características do mito aqui

analisado são a popularidade e o respeito que recebia no contato com as pessoas, apesar de ser “andarilho”. Isso se deva, talvez, ao fato de que, por ser um exímio domador – além de dominar os demais ofícios já apresentados, mostrava, a partir de suas ações, que merecia esses reconhecimentos, como vemos em: “En todos los pagos tenía amigos, que lo querían y respetaban aunque poco tiempo paraba en un punto. Su ascendiente sobre los paisanos era tal que una palabra suya podía arreglar el asunto más embrollado” (GÜIRALDES, 1926, p.45).

Um aspecto que merece atenção, não apenas nesta obra, mas em todas que analisamos em nossa pesquisa, é o papel desempenhado pelo pampa na vida do gaúcho. O ambiente pampiano influencia tanto suas atitudes como a forma de ver e encarar o mundo, com toda sua complexidade e infinidade de sentimentos. A seguir, temos uma situação em que o narrador, depois de tentar domar um cavalo, sem sucesso, percebe que toda a tristeza sentida naquele momento passou rapidamente e, possivelmente, isso se deva à sua imensidão: “En la pampa las impresiones son rápidas, espasmódicas, para luego borrarse en la amplitud del ambiente, sin dejar huella. Así fue como todos los rostros volvieron a ser impasibles, y así fue, también, como olvidé mi reciente fracaso sin guardar sus naturales sinsabores” (GÜIRALDES, 1926, p.34). Parece que o pampa não se importa com o que os indivíduos passam, permeando intacta sua “soberania” demonstrada pela da natureza, como em: “La mañana era linda, dorada, ágil. El desierto se alegraba de su descanso fresco. Unos teros pasaron, muy altos, gritando su alegría. ¡Qué diablos, y la vida no afloja ni se aflige porque a un animal o a un hombre la noche le haya traído un mal rato!” (GÜIRALDES, 1926, p.75).

Além disso, nosso mito demonstra certo destemor frente às autoridades que, por vezes, pode chegar à petulância. É o caso de quando o narrador, no meio de suas compras no “bolicho”, é intimado por um policial, que pede para que saia do local:

-¡Si no viene por las güenas¹⁴, lo vi a sacar por la juerza¹⁵!

-¿Por la juerza?

Don Segundo pensó un rato, como si de pronto le hubieran propuesto hacer encostar mulas con gaviotas.

-¿Por la juerza? -repitió revisando al cabo enclenque con su mirada de hombre fornido. Y luego pareciendo comprender:

-Güeno, vaya buscando los compañeros.

El cabo palideció sin dar seguimiento a una intención de paso.

(GÜIRALDES, 1926, p.67)

Podemos notar nas obras que apresentam o mito do gaúcho como tema certo menosprezo em relação a qualquer estrangeiro – como já apontamos anteriormente – ou “gringo”, adjetivo que aparece com frequência. Isso é exposto de maneiras diversas, mas, de

¹⁴ Güenas: buenas

¹⁵ Juerza: fuerza

modo geral, é em comparação ao gaúcho, como vemos a seguir: “Me habían dado por compañeros dos mocetones de unos veinte años. Uno alto, aindiado, lampiño. El otro rubio y flaco, con ojos sesgados de gato pajero. El rubio subió en un alazancito malacara que, ni bien sintió el peso, se arrastró a bellaquear” (GÜIRALDES, 1926, p.79). O companheiro loiro, como vimos, inclusive dispõe de um alazão “malacara”, cujo tom, aqui, parece pejorativo. Ainda, percebemos que o sentido pejorativo aparece, também, na descrição física dos homens – os “gringos” barbeados, avermelhados e gordos, os gaúchos de barba e queimados pelo sol, como vemos em:

Alrededor del carrito, a pie o montados en caballos de los peones de la feria, estaban los ingleses de los frigoríficos, afeitados, rojos y gordos como frailes bien comidos. Los invernaores, tostados por el sol, calculaban ganancias o pérdidas, tirándose el bigote o rascándose la barbilla (GÜIRALDES, 1926, p.68).

Finalmente, não podemos deixar de destacar o gosto pelos “alvoroços” que, seguidamente, se formavam nas lides campeiras e, além disso, o descaso para o fato de que, na maioria das vezes, se feria lutando nelas. Percebemos isso no trecho: “Revisando la herida vi que era honda. Estaba furioso de que ese bicho mañero me hubiera agarrado en un descuido. ¡Quedar de a pie cuando el alboroto y la diversión estaba en lo mejor!” (GÜIRALDES, 1926, p.85). Do mesmo modo, no fragmento à continuação é descrito um momento em que há desordem durante a lide e que, apesar disso, os homens demonstram grande efusividade, *revoleando* seus ponchos num gesto de extrema euforia pela situação:

Fue un entrevero brutal. Los toros, enceguedidos, cargaban por derecho, a pura aspa. Los terneros gambeteaban con la cola alzada. Los demás, medio perdidos, arremetían a la buena de Dios. El paisanaje se desgañitaba gritando. Los ponchos se levantaban en lo alto flameando. Sonaban los rebenques contra las caronas. Las atropelladas y los golpes llegaron a su máximo. No faltó quien se hiciera rueda por el suelo, en una confusión de novillo, caballo y hombre (GÜIRALDES, 1926, p.85).

3.4 Um certo capitão Rodrigo (Erico Verissimo)¹⁶

Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828. E o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do

¹⁶ Capítulo de *O continente*, primeiro tomo de *O Tempo e o Vento*.

Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

- Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho! (VERISSIMO, 2004, p.209)

Com este parágrafo de apresentação, Verissimo coloca o leitor frente àquela personagem que, em sua obra, é um estereótipo de gaúcho: o capitão Rodrigo Cambará. Esta é a personagem que, possivelmente, esteja marcada mais fortemente no imaginário dos sul-rio-grandenses, visto sua propagação no estado do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, na literatura brasileira, em que ocupa um espaço de grande importância. Cabe destacar, ademais, que a trilogia *O Tempo e o Vento* foi adaptada à telenovela, em 1967, e, posteriormente, o tomo *O continente* foi adaptado à minissérie, em 1985, disseminando, assim, o gaúcho mitificado ao país. Desde modo, a imagem de um homem devidamente *pilchado*, agindo de modo atrevido para com as pessoas e situações com as quais se depara, vem à mente quando se pensa no homem que habita o território sul-rio-grandense – aquele que, de um modo geral, é chamado de gaúcho. Não nos ateremos, aqui, a falar sobre questões identitárias, em que nos caberia discutir sobre o que é “ser” ou “sentir-se” gaúcho, mas, especificamente, nos ateremos ao mito – o gaúcho estereotipado que apresenta todas as características de herói sobre as quais falamos na Introdução.

Voltando nosso olhar ao capitão Rodrigo Cambará, apesar de o gaúcho, como apontamos em momentos anteriores, demonstrar humildade e servidão para com seus superiores, o mito aqui analisado não tolera receber ordens de outras pessoas, a menos que essa pessoa seja o patrão; do contrário, age com um atrevimento que, por vezes, chega a ser “birra”, como observamos no trecho a seguir: “Nunca me ofendo quando me pedem. Fico esquentado quando querem me mandar. Se me pedem com bons modos, faço. Se me dão ordens, brigo” (VERISSIMO, 2004, p.240). A questão aqui é clara: o homem deve ser humilde no tratamento com outro homem, mas não pode haver tentativa de dominação para com alguma das partes desta relação. Talvez por isso, também, Rodrigo Cambará não se submetesse à um ser superior, espiritualmente falando, diferentemente das outras personagens analisadas até aqui, e, ainda, demonstrasse incredulidade para com a figura de um Deus. Isso é precisamente exposto no fragmento abaixo:

Rodrigo – achava o vigário – representava à maravilha a mentalidade do homem do campo, da guerra e do cavalo, que não teme a Deus nem ao diabo (...) Por outro lado, como podiam eles [homens] humilhar-se diante de Deus se sabiam que Deus era um homem, e um homem macho – segundo o rude código continentino – nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem? Habitados a guerras, asperezas e violências, confiavam mais em

seus cavalos, suas armas e sua coragem do que em santos, rezas, sacerdotes ou igrejas (VERISSIMO, 2004, p.266).

Ainda, cabe notar que a igualdade defendida por Rodrigo Cambará – segundo a qual “homem macho nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem” – se estende a questões étnicas: tratando-se de um contexto histórico-social em que a escravidão vigorava nas colônias sul-americanas, a personagem se posiciona contra ela, discordando, claramente, do pensamento de então, em que se reconhecia a hierarquia existente entre os homens e, é claro, a relação repressora dos homens brancos para com os negros, visto que, de um modo geral, estes não eram considerados homens, como observamos no excerto a seguir:

Sou contra a escravatura só por uma coisa. É que não gosto de ver homem rebaixado por homem. Nós os Cambarás temos uma lei: nunca batemos em mulher nem em homem fraco; nem nunca usamos arma contra homem desarmado, mesmo que ele seja forte. Quando vejo um negro que baixa a cabeça quando gritam com ele, ou quando vejo um escravo surrado, o sangue me ferve. Depois que vi certos negros brigando no nosso exército contra os castelhanos... Barbaridade!... se eles não são homens, então não sei quem é... (VERISSIMO, 2004, p.312)

Um fator que merece destaque com relação ao mito do gaúcho, aqui representado pela personagem do capitão Rodrigo, é o de que ele foi criado sozinho ou, como se costuma dizer na linguagem campesina, “guacho”¹⁷. Em *Don Segundo Sombra* o narrador também considera-se “guacho”, já que foi criado e educado pelas tias devido à ausência da mãe, o que podemos considerar, então, uma característica do homem que vive no ambiente pampiano. Daí a necessidade de aprender a defender-se sozinho, desde jovem, e a partir disso, também, é que se foi incorporando em sua personalidade o gosto por brigas, como vemos em: “Me criei guaxo. Não conheci mãe. Com doze anos já trabalhava no campo com a peonada bem como um homem-feito. Com dezoito tinha sentado praça e já andava brigando com os castelhanos. Daí por diante sempre vivi ou brigando ou correndo mundo” (VERISSIMO, 2004, p.247). É importante aclarar, no entanto, que esses “guachos” eram, muitas vezes, fruto de relações espúrias, não legitimadas pelo casamento – elemento comum à vida do gaúcho dado o contexto histórico-social –, o que, naquela época, era algo vergonhoso e que, conseqüentemente, levava ao abandono por parte das mães. Além disso, ressaltamos que o meio em que vivia era favorável a esse instinto *peleador*, considerando a ocorrência de várias guerras na região rio-platense durante a época da colonização, em que Espanha e Portugal disputavam a conquista dos territórios. Em algum momento em suas vidas os homens

¹⁷ Se diz guacho o animal (filhote) que perdeu a mãe. É utilizado, também, para designar uma criança órfã (Disponível em: <http://lema.rae.es/drae/?val=eleg%C3%Adaco> Acesso em: 12 mar. 2013).

pampianos necessitariam lutar, ainda que os motivos fossem distintos, como podemos notar no excerto à continuação:

(...) Mas os homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades – esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. Representavam a população menos estável porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado, faziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a Província. Alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão; mas a maioria brigava por gosto (VERISSIMO, 2004, p.265).

Como vimos nas obras analisadas anteriormente, em especial na novela *Don Segundo Sombra*, o relacionamento afetivo era algo que o homem pampiano rechaçava, tanto pelo fato de parecer-lhe inconcebível construir família no contexto em que vivia quanto por crer que essas relações (e os sentimentos que dela surgiam) eram típicas de homens “fracos”. Trata-se, aqui, de um desconhecimento de relações familiares tradicionais, devido às origens e formação dessa sociedade. O gaúcho, neste caso, para sê-lo de fato, necessita ser livre e forte. No entanto, a personagem Rodrigo Cambará não passa imune pelas mulheres no que respeita a um relacionamento de afeto: se apaixona, profundamente, por uma moça e reflete sobre seu posicionamento, como vemos no trecho que segue:

E, quanto mais o tempo passava, mais Rodrigo compreendia ser-lhe impossível viver sem Bibiana. O que a princípio fora apenas desejo carnal, agora era também um pouco ternura: era amor. E o cap. Cambará inquietava-se por isso. Porque sempre lhe parecera que o único amor digno dum homem era esse que apenas pede cama. O amor de fazer ou cantar versos e mandar flores, esse amor de doer no peito, de dar saudade era amor de homem fraco. Ele cantava versos que falavam em tiranas, saudade e mágoa, só por brincadeira, sem sentir de verdade as coisas que dizia. No entanto, agora estava enfeitiçado por Bibiana Terra (VERISSIMO, 2004, p.262).

E, apesar de ir contra o conselho e a vontade dos amigos e familiares de Bibiana, o casamento entre as duas personagens, de fato, aconteceu – até podemos pensar que isso se deu por “birra”, devido às características já conhecidas de Rodrigo Cambará. Porém, aos poucos, foi se desgastando com os percalços causados pela vida nômade – andarilha – que não condizia com a fixidez exigida naquela situação.

Dentre as coisas que o mito do gaúcho aqui analisado não admitia está a doença, ainda que o motivo da enfermidade fosse consequência ou resquício de guerra. O cap. Rodrigo declara que em sua família “quase ninguém morre de morte natural. Só as mulheres, assim mesmo nem todas. Os Cambarás homens têm morrido em guerra, duelo ou desastre. Há um

ditado: ‘Cambará macho não morre na cama’” (VERISSIMO, 2004, p.245). E, se por ventura adoecesse, depois de restabelecido sua primeira atitude era a de sair do repouso e voltar, imediatamente, a fazer tudo o que mais gostava – típicas do mito, como vemos a seguir: “Estar vivo, recobrar as forças, poder de novo montar a cavalo, andar à toa, livre, conversar com as pessoas, dedilhar a viola, cantar, jogar... E, principalmente, poder de novo ter mulher, comer e beber!” (VERISSIMO, 2004, p.287).

Finalmente, não é possível deixar de destacar a relação entre o homem pampiano e seu cavalo. Observando essa relação nas quatro obras aqui analisadas, podemos reafirmar o que foi dito na Introdução: cavalo e homem formam um par inseparável que, se por necessidade, vem a se separar, não funcionam e/ou produzem tudo o que poderiam juntos. A valorização existente, tanto em relação ao cavalo quanto à natureza, é clara no fragmento a seguir:

Bateu com os calcanhares nas ilhargas do seu zaino, que rompeu a trote pelo meio da rua, rumo ao norte. Em breve o capitão viu o campo livre, incitou o cavalo e precipitou-o a todo o galope. O vento batia-lhe na cara, revolvia-lhe os cabelos, fazia-lhe ondular a camisa como uma bandeira. ‘Amo, zaino velho!’, gritava ele acicatando o animal com as esporas imaginárias. O zaino galopava e Rodrigo aspirava com força o ar, que cheirava a capim e distância. Quero-queros voaram, perto, guinchando. Longe, uma avestruz corria, descendo uma coxilha. O capitão começou a gritar um grito sincopado e estrídulo, bem como faziam os carreiristas no auge da corrida. Era assim que os soldados gritavam nas cargas de cavalaria. Pena eu não ter trazido a espada! – pensou ele. O pocotó do cavalo, o vuu do vento, o guincho dos quero-queros – tudo isso era música para seus ouvidos. De repente Rodrigo sofreu o animal, que estacou no alto da coxilha, resfolegando e sacudindo as crinas. Zaino velho de guerra! (VERISSIMO, 2004, p.324)

No capítulo a seguir, partiremos para a análise das letras de canções nativistas. Dentre a grande quantidade de obras dos escritores, letristas e/ou poetas pampianos, escolheremos alguns de maior notoriedade no âmbito poético-musical. Para citar alguns, Xirú Antunes, Anomar Danúbio Vieira, Gujo Teixeira, Jayme Caetano Braun, Eron Vaz Mattos, Rogério Villagran, Marcelo D’ávila, entre outros, são os que escrevem, atualmente, letras que, além de estarem associadas à música, devido à forma pela qual se expressam, são consideradas poesia. Procuraremos nestas canções o gaúcho mitificado e as possíveis (re)configurações em seu modo de ser, pensar e agir, estabelecendo comparações entre o que há de novo e o que vimos até agora.

4 A CANÇÃO NATIVISTA COMO FORMA ATUAL DE REPRESENTAÇÃO DO MITO

A partir deste momento, começaremos a análise das letras de canções nativistas, selecionadas de acordo com as temáticas que apresentam. Tentaremos estabelecer, aqui, como um fio condutor, relações entre as letras analisadas e os aspectos levantados anteriormente sobre o complexo conjunto de características físicas, psicológicas, além das projetadas pelo imaginário, que constituem o mito do gaúcho. Nosso principal objetivo é buscar essas características na poesia de cada canção, portanto, não nos ateremos a discussões sobre seus ritmos e melodias devido à natureza dessa pesquisa. No entanto, sabemos da importância que eles agregam à obra e consideramos fundamental esse conjunto – letra, melodia e ritmo – para o resultado final, que é a canção, sabendo que tanto a harmonia quanto o andamento dela complementam seu sentido.

Um dos aspectos de fundamental relevância para o estudo do mito em questão é o que se refere a identidade: sabemos que, por viver-se em um mundo formado por uma multiplicidade de estilos, em que verdades, conceitos e valores estão em constante reformulação, é fundamental conhecer-se e, mais ainda, conhecer o lugar que se ocupa na sociedade moderna para que se possa sobreviver a este contexto tão fragmentado. Entendemos, além disso, que a identidade é (re)construída ao longo do tempo sob a influência de vários fatores e, dentre eles, está o ambiente em que o sujeito vive e o contexto socioeconômico a que está submetido e/ou interligado.

Assim, subdividimos este capítulo em quatro eixos básicos, a saber: traços de identidade, o pampa, a fronteira e o cotidiano campesino, respectivamente. Na seção 4.1, analisaremos as seguintes letras: “Gaúcho” e “Destinos” (Jayme Caetano Braun); “À moda Martin Fierro” (Xiru Antunes); “Apaisanado”, “Regional” e “Por causa das pilcha” (Anomar Danúbio Vieira); “Andarilho”, “Filosofia de Andejo” e “O d’onde venho” (Gujo Teixeira); Cavalo Crioulo (Mauro Moraes); “É aqui junto ao chapéu” e “Coplas pra um gaúcho brasileiro” (Ângelo Franco). A seguir, na seção 4.2, analisaremos: “Pampa” (Rodrigo Bauer) e “Hermanos Pampeanos” (Juarez Machado de Farias). Já na seção 4.3, analisaremos, também, as letras “Apaisanado”, “Hermanos Pampeanos” e “Confraria de Fronteira” (Eliezer Dias de Sousa). Por fim, na seção 4.4 analisaremos: “Das precisão pra viver”; “Lá na fronteira” e “Das coisas simples da gente” (Anomar Danúbio Vieira); “De bota e bombacha” (Mauro Moraes); “Guri do Campo” (Juarez Machado de Farias); “Interior”, “Onde andar”, “Que tem nome de querência”, “Cada interior” e “Milongão pra assoviar desencilhando”

(Gujo Teixeira); “Relíquia” (Lisandro Amaral). Esclarecemos que algumas destas letras são analisadas em mais de uma seção por apresentarem elementos que as encaixam em diversos aspectos aqui levantados e que, além disso, estão intrinsecamente interligados.

4.1 Traços de identidade

Desde o surgimento dos festivais nativistas no estado do Rio Grande do Sul, na década de 1970, inúmeras canções vem surgindo com o intuito de retratar o gaúcho, seja o mítico ou o real¹⁸, (re)afirmando, assim, suas características, seus valores morais e, finalmente, sua identidade. Muitos são os escritores (considerados, por alguns, letristas e, por outros, poetas) envolvidos nesse movimento. Como um dos precursores deste cenário de escrita está o poeta e *payador*¹⁹ Jayme Caetano Braun, que cedeu alguns de seus poemas para artistas gaúchos, os quais, posteriormente, criariam melodias, para apresentar e concorrer nos festivais ou gravar em seus discos.

Selecionamos, como ponto de partida, um poema de Braun cujo título é “Gaúcho”²⁰ – musicado pelo cantor e compositor Joca Martins, visto que já em sua primeira estrofe aparece, clara e precisamente, a imagem de gaúcho que tentamos mostrar nos capítulos anteriores. Observemos os versos a seguir: “Junto às fronteiras do Prata / Na pampa verde e amarela / Ali está de sentinela / A figura intemerata / Na própria estampa retrata / A bravura e o denodo / É o guerreiro rapsodo / Ao pé de cujo fogão / Sempre há mate chimarrão / Pra os povos do mundo todo”. Esta “figura intemerata” que retrata “bravura e denodo” pode pertencer – e assim acontece – a distintas etnias, o que nos parece evidente se pensamos na colonização sul-latino-americana, em que imigrantes e nativos, de uma forma ou outra, tiveram de conviver no ambiente pampiano. Os versos abaixo demonstram essa diversidade étnica, além de ressaltar características que definem o mito do gaúcho: “Negro, guaraní, charrua / Espanhol e lusitano / O germano e o italiano / Caldeados na pampa nua / É o gaúcho de alma crua / Não nasceu para vassalo / Nunca puderam domá-lo / Foi ele que fez fronteira / Foi pátria e porta-bandeira / Sobre o lombo do cavalo”.

Este homem pampiano aparece nos versos de “À moda *Marfín Fierro*”²¹, de Xirú

¹⁸ Sobre a diferença entre os dois, rever páginas 15-17 deste trabalho.

¹⁹ Payador: Cantor popular que, acompañándose con una guitarra y generalmente en contrapunto con otro, improvisa sobre temas variados. (Disponível em: <http://lema.rae.es/drae/?val=eleg%C3%ADaco> Acesso em: 20 abr. 2013).

²⁰ Letra completa: anexo A

²¹ Letra completa: anexo B

Antunes na qual há, abertamente, uma intertextualidade com o poema do argentino Hernández, quando diz: “Aqui me ponho a cantar / Ao compasso da guitarra / Que o índio que se desgarrá / Nunca mais pode parar / (...) Pois abrindo o coração / É que o guasca se consola”²². Já na segunda estrofe da canção há resposta a uma inquietação natural – a origem do gaúcho: “De adonde venho, respondo: / Sou da pampa e do varzedo / Guri criado sem medo / De cobra ou de marimbondo”. Em “Apaisanado”²³, canção cuja letra é de autoria de Anomar Danúbio Vieira, aparece amadurecido este homem “criado sem medo”, quando diz “não carrego pretensão / mas não sou de me achicá”; isto é, ainda que seja humilde, não se acovarda quando está em perigo. Ainda, no refrão desta canção podemos perceber a descrição do tipo que temos por tema nesta pesquisa e, também, de suas atividades mais cotidianas, a saber: “Sou assim, apaisanado, / Domador e guitarreiro / Diariamente peão campeiro / Nas folgas, campeio festa / Tapeio o chapéu na testa / Pra ver melhor as imagens / Talento, fibra e coragem / Não se compra nem se empresta”. E, quando se fala em fibra e coragem, podemos pensar, seguramente, em *Martin Fierro* como, por excelência, um exemplo deste tipo de comportamento, o que provavelmente tenha levado Gujo Teixeira a escrever, na canção “Andarilho”²⁴, o verso “Minha bíblia é um *Martin Fierro*”, ressaltando o significado desta obra para o homem pampiano – uma forma de prescrição de um modo de ser para novas gerações.

Cabe notar que se torna difícil pensar no mito do gaúcho se dissociado do sentimento de apego à sua terra – o que o senso comum pode considerar, de um modo geral, bairrismo. De fato, é algo recorrente nas letras das canções nativistas, e parece vir carregado de um intuito de reforçar e/ou difundir dita ideia, conservando o que se considera repleto de valor, como vemos em outros versos de “Apaisanado” a seguir: “Quem é do garrão da pátria / Alma, sangue e procedência / O amor pela querência / Traz retratado na estampa”. Ademais, na canção “Filosofia de Andejo”²⁵ isso também aparece no verso: “O amor ao chão não tem preço, se aprende desde piazzino”.

Se falamos em literatura regionalista na introdução deste trabalho, podemos pensar, também, no regionalismo presente nessas canções. O escritor Anomar Danúbio Vieira, por exemplo, dedicou toda uma letra para falar sobre a importância de ser, ou melhor, de sentir-se

²² Os versos do referido poema de Hernández estão disponíveis na abertura da seção 3.1 do capítulo 3 (ver p.22).

²³ Letra completa: anexo C

²⁴ Letra completa: anexo D

²⁵ Letra completa: anexo E

“Regional”²⁶, destacando “Um universo rural num sentimento profundo / Que antes de sermos do mundo temos que ser regional”. Além disso, pode sentir-se ao ler seus versos certo tom de “prescrição”, de um modo de proceder, em que se deve ser “Regional por devoção, regional de nascimento / Regional no pensamento, na conduta e na emoção” para ser, de fato, um gaúcho.

Ainda no que se refere a um sentimento de cunho regionalista, podemos pensar que o mito do gaúcho hoje, que vive nas canções, demonstra a importância que dá a seu lugar, ao lugar onde nasceu, às suas origens, diferentemente do gaúcho primitivo, que não valorizava raízes criadas através de laços familiares. Podemos observar essa mudança de valores nos versos de Gujo Teixeira, na canção intitulada “O d’onde venho”²⁷, em que diz: “Venho do campo, meu rincão, meu interior / Sou estradeiro mas tenho raízes firmes (...) Bem onde a noite faz divisa com a alma / Na mesma terra que viveram meus avós / É onde a vida tem seu valor mais certo / Mesmo que seja verdadeiro só pra nós”. Vemos nesse gaúcho mitificado, também, a consciência que agora demonstra ter sobre o fato de que todo este sentimento de amor à terra pode ser algo de significado verdadeiro apenas para ele, e não algo generalizado. Por fim, destacamos que há, nesse mito, a noção de que para trilhar um caminho bem fundamentado na vida há que se saber sua origem, fato que vemos tanto nos versos de Teixeira, “Basta um olhar nestes meus olhos de terra / Para saberem que sou mais do que tenho / Minha palavra é quem diz de onde sou / Sei pra onde vou porque sei o d’onde venho”, quanto nos versos de Ângelo Franco, na canção “É aqui junto ao chapéu”²⁸, em que diz que “só cuida pra onde vai quem respeita de onde vem”. Ressaltamos que esses versos dialogam com o que apresentou Bosak (2006)²⁹ em suas considerações sobre o estudo da identidade atualmente.

Podemos observar que o cavalo segue desempenhando papel fundamental para o gaúcho, representando uma parceria que lhe ajuda a ser livre, como vemos nos versos a seguir, de Mauro Moraes, na canção “Cavalo crioulo”³⁰: “No lombo de um gateado me sinto um rei / E o mundo todo gira na minha lei / Pois com o pé no estrivo, a rédea na mão / A alma sai do chão”. Ainda, devemos destacar que o mito aqui reafirma sua vontade de liberdade, e isso aparece de forma clara em outros versos de Teixeira, da canção já citada “Filosofia de

²⁶ Letra completa: anexo F

²⁷ Letra completa: anexo G

²⁸ Letra completa: anexo H

²⁹ Ver página 14 deste trabalho.

³⁰ Letra completa: anexo I

Andejo”: “Frente ao caminho me calo e o pensamento sofreno / O mundo é muito pequeno pras patas do meu cavalo / Nesta jornada terrena, aprende muito quem anda / Sempre que a alma se agranda a estrada fica pequena”. Além, nos versos da canção “Destinos”³¹, de Jayme Caetano Braun, percebe-se o grande apreço dado ao seu lugar de origem – o lugar do seu querer – pois, ao tê-lo guardado no coração, o sujeito obtém força para suportar as mais diversas situações: “A querência eu levo dentro / E o resto eu toco por diante”.

A indumentária do homem pampiano, isto é, sua “pilcha”, é tema que apareceu significativamente em todas as obras literárias analisadas no capítulo 3, e reaparece, agora, em inúmeras canções. Escolhemos uma, especificamente para análise, cuja letra é de Anomar Danúbio Vieira, e tem por título “Por causa das pilcha”³². Em uma de suas estrofes, percebemos o papel da indumentária: “É costume da minha gente / Se pilchar bem a preceito / Que até um feio agarra jeito / E se acomoda de frente”. Ainda, pode-se notar na canção que, para conquistar-se uma moça, no contexto apresentado, não é preciso muito empenho da parte masculina, pois sabe-se, nesse caso, “Que a metade é da coragem / E a outra metade é das pilcha”.

Por fim, encontramos um gaúcho mais preocupado com algumas questões atuais que dizem respeito à sua identidade. É o caso da canção “Coplas para um gaúcho brasileiro”³³, de Ângelo Franco. Na primeira estrofe, aparece o gaúcho tal como o vimos até então: “Essa parada que carrego no meu jeito / Vem do meu peito embriagado de ideal / Eu sou de um povo que se fez a ferro e fogo / Guardando posto no Brasil meridional”. Porém, ao chegarmos no refrão, nos é apresentada uma visão distinta no que diz respeito a um cunho separatista do estado, conhecido desde a Revolução Farroupilha (1835-1845): “A cada dia que o Brasil fica mais velho / Eu me revelo mais gaúcho e brasileiro / Pena que os olhos do país às vezes turvam / E nos enxergam muito mais como estrangeiros (...) Já não pregamos nenhuma separação / Revolução é dar a mão ao seu igual”. Ainda, notamos um apelo, de certa forma, quando lemos os últimos dois versos: “Apenas peço não se esqueçam do Rio Grande / Que ainda temos o Brasil no coração”. Parece que há nessas letras uma necessidade de reforçar que o Rio Grande do Sul, apesar das peculiaridades que carrega – tanto no modo de viver de boa parte da população como na história que divide com os *hermanos* pampianos, faz parte, sim, do Brasil, fato que durante muito tempo foi negado veementemente – e, quem sabe,

³¹ Letra completa: anexo J

³² Letra completa: anexo K

³³ Letra completa: anexo L

ainda é – por uma porção significativa do povo sul-rio-grandense.

4.2. O ambiente pampiano

Pampa. Madre. Horizonte. Soledad. Llanura franca al sol que sólo sabe de tu curva. Cuna, sepulcro y sustento. Creadora del gaucho afirmativo, del caballo amigo de la distancia, del puma escondido y del chajá³⁴ ascendente. Pretexto de vagabundas ansias de partir sin meta... ¡Tú que das resignación al pequeño, empampado de infinito!

O texto com o qual damos início a esta parte é do argentino Ricardo Güiraldes, autor da novela *Don Segundo Sombra* (analisada no capítulo 3). Contudo, nos parece de extrema importância trazê-lo agora, pois ele passa, seguramente, a impressão, se assim podemos dizer, mais forte que já encontramos sobre tal ambiente: apresenta o pampa como berço e sepulcro e, ao mesmo tempo, sustento, isto é, trata-se aqui de um paradoxo difícil de se lidar, mas que faz parte da vida do homem pampiano.

O pampa é uma das temáticas de maior ocorrência nas canções nativistas, possivelmente por tratar-se do berço do *gaucho* e por ter sido o principal cenário de suas épicas batalhas ao longo do período de colonização e/ou dominação territorial. Ele aparece, de um modo geral, como um ambiente que abrange três povos (Brasil, Uruguai e Argentina), mas que, no entanto, não faz distinção entre eles. Pelo contrário, os tem e encara como seu próprio fruto.

Na canção “Pampa”³⁵, cuja letra é de Rodrigo Bauer, podemos observar a inquietação do gaúcho por não compreender a divisão política instituída pelos Estados: “A pampa é um lugar que se transcende, / Fronteiras são impostas pelas guerras / Y el gaucho, com certeza, não entende / Três nomes, três brasões pra mesma terra”. Dita incompreensão pode se dar pelo fato de que quem vive no pampa possui outra forma de perceber esse lugar tão extenso que, pela vastidão que desconstrói a ideia de limite, permite que os sujeitos se encontrem, convivam e dialoguem, como notamos nos versos a seguir: “O campo a se estender, imenso e plano / Alarga o horizonte más allá / Talvez seja por isso que o pampeano / Enxerga além de onde está”. Ainda, nos versos de Juarez Machado de Farias da canção “Hermanos Pampeanos”³⁶, quando diz que “la pampa es nuestra estampa / bajo el mismo sol”, vemos a ideia de igualdade pela figura do sol.

³⁴ Chajá: Ave zancuda de más de medio metro de longitud, de color gris claro, cuello largo, plumas altas en la cabeza y dos púas en la parte anterior de sus grandes alas. Anda erguida y con lentitud, y lanza un fuerte grito. Se domestica con facilidad (Disponível em: <http://lema.rae.es/drae/?val=eleg%C3%ADaco> Acesso em: 25 mar. 2013).

³⁵ Letra completa: anexo M

³⁶ Letra completa: anexo N

Ainda nesta canção, pode-se perceber a intertextualidade que há, uma vez mais, com o poema de Hernández, trazendo a ideia sobre a qual falamos na seção anterior – considera-se, nesse sentido, *Martin Fierro* como exemplo do que se espera que seja um gaúcho de fato: “Rumos dessa pampa grande, / Viemos dos versos de Hernández, / Somos céu e chão / Todo o pampeano, sem erro, / Tem muito de *Martin Fierro*, / Pelo coração, dentro do coração!”. Ainda, isso se pode notar, também, na canção “Hermanos Pampeanos”, já analisada aqui, cujos versos apresentam o que segue: “Habitantes de planuras / Moldados de geografia / Llevan dentro um *Martin Fierro* / Que de a poco se denuncia”.

No entanto, é necessário deixar claro que essa visão da fronteira, do pampa e da igualdade geográfico-cultural que ele gera, presente nas letras aqui analisadas, só é possível se pensada com um olhar de agora, isto é, um olhar contemporâneo. Trata-se de um outro modo de ver e (re)pensar esse território, completamente distanciado da época em que as lutas e disputas sangrentas aconteciam, de fato, com o pampa por cenário, como vimos em *Martin Fierro*, por exemplo. Quando se pensa em cultura, o “distanciamento é o instrumento mais poderoso para a compreensão” (BAKHTIN, 2010, p.366). Ora, isso parece óbvio se, ainda de acordo com a ideia apresentada pelo autor, pensamos que “o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças à distância espacial e fato de serem *outras*” (BAKHTIN, 2010, p.366). Essas considerações valem, também, para o que aparecerá nas seções a seguir, já que pampa, fronteira e homem estão intrinsecamente relacionados.

4.3 A fronteira

Nas primeiras considerações que fizemos acerca do gaúcho – ou *gaucho*, falamos sobre a fronteira como algo indissociável de sua figura, visto sua relação direta com ela por viver em uma zona onde houve, constantemente, lutas por delimitação de territórios em que ele foi protagonista. Atualmente, nas letras das canções aparece, com certa frequência, o homem fronteiro e todas as características que carrega consigo, um ser “apaisanado”. Nos versos da canção de mesmo nome, já conhecida, de Anomar Danúbio Vieira, vemos claramente: “Por favor não levem a mal / Este meu jeito fronteiro / Filho de pai brasileiro / Hijo de madre oriental”.

O que podemos notar nas letras que encontramos é a reafirmação da ideia de que as

fronteiras são – para os fronteiriços – marcos unicamente políticos, o que não faz com que os povos que se encontram nessas zonas se afastem, mas convivam. Vemos nos versos de Eliezer Dias de Sousa, pertencentes à canção “Confraria de fronteira”³⁷, essa convivência desde um olhar de fronteiro: “Não há fronteira no ser / E nem os marcos dividem / Que as diferenças se olvidem / Na mesma causa comum / Sem preconceito nenhum / Na igualdade do fronteiro / Entre o milico e o quileiro / Entre o campeiro e o patrão / Persiste esta comunhão / De ser amigo e parceiro”. Ainda, na estrofe que segue, podemos perceber que se mostra a ausência de barreiras físicas que separem os povos fronteiriços, reafirmando, assim, o fato de que os hábitos, de um modo geral, são os mesmos no ambiente pampiano, independentemente do país em que se viva: “Se confundem línguas pátrias / Nos dois lados da fronteira / É a nossa indiada campeira / Na mesma linguagem franca / Gente rude de alma branca / Sovando os mesmos costumes / É fronteira sem tapumes / Sem convenções nem dialetos / Donde abuelos y nietos / Vislumbram os mesmos lumes”.

Do mesmo modo, na já analisada canção “Hermanos Pampeanos”, notamos esse mesmo sentido: “Gobiernos que dictan reglas / No pueden cerrar porteras / Cuando son imaginarias / Las líneas destas fronteras”. Além disso, nessa letra o autor brinca com as palavras e suas acentuações, fazendo um jogo que nos faz perceber que a diferença está – apenas – nos acentos e, mesmo assim, isso não separa a fronteira: “Fueran gauchos y gaúchos / Que hicieron patria a caballo, / Y forjaron en la pampa / La raíz de nuestra estampa / Ya nada nos diferencia / Além de um simples acento / Dos idiomas no separan / Lo que hermana el sentimiento”.

Ademais, na canção “Milonga de tres banderas”³⁸, cuja letra é de Jayme Caetano Braun, ainda podemos notar que se reforça o fato de que esses *gauchos* pertencem ao mesmo lugar, como vemos nos versos a seguir: “Brasileño y oriental, / Rio-grandense y argentino, / Piedras del mismo camino, / Aguas del mismo caudal”. Nesse mesmo sentido, vemos nos versos de Marcelo D’ávila, pertencentes à canção “De duas pátrias”³⁹, a figura do homem fronteiriço que lutou, durante o período de divisão do território, nos dois lados da fronteira, não fazendo distinção entre eles, mas, pelo contrário, mostrando o que lhes dá igualdade e/ou unidade, isto é, a guerra: “Caudillo blanco, forçado a ponta de lança / Foi ordenança, cabo viejo e general / Com Gumercindo peleou em noventa e três / A uma só vez, rio-grandense e

³⁷ Letra completa: anexo O

³⁸ Letra completa: anexo P

³⁹ Letra completa: anexo Q

oriental”.

4.4 O cotidiano campesino

A “lida” do campo ocupa a maior parte do tempo da vida do homem rural. Conseqüentemente, é o que mais se retrata nas letras das canções, em que se fala sobre atividades de grande porte – como a doma, o rodeio, a tropa, por exemplo – e, também, dos utensílios que fazem parte destes eventos – arreios, pilchas, armas, violão, etc. Na canção “Das precisão pra viver”⁴⁰, cuja letra é de Sérgio Carvalho Pereira, podemos perceber a simplicidade das coisas que o pampiano necessita para sua sobrevivência: “Não preciso quase nada pra vida de peão campeiro / Espora, cincha, baixeiro, boieiras, luas e aguadas / Um galo pras madrugadas, e uma guitarra pra noite / Flor de trevo nas canhadas, maçanilha do horizonte”. Ainda, nesta canção nos é dada a proporção das prioridades do campesino, visto que se exemplifica de forma clara, enumerando o que lhe é fundamental: “Tão pouco é o que se requer pra vida das invernadas / Um ranchito meia água que dê pra filho e mulher / Cavalo forte, altaneiro, boa rédea, boa cabeça / Que se lembre, se eu me esqueça, das precisão de campeiro”. Cabe destacar, por oportuno, a função que aqui desempenha o cavalo: ele é, agora, não apenas visto como o fiel companheiro de “lida”, mas como um guia do homem, para que não se perca, de certo modo, do que projetou inicialmente – e isto vale para inúmeros sentidos.

Entendemos que o ambiente pampiano determina as atividades que nele se desenvolvem e, a partir disso, vai se (re)configurando a identidade do campesino. Essas atividades não diferem muito quando se cruza a fronteira – podemos pensar, nesse sentido, na faixa que divide os limites entre Brasil e Uruguai, onde o modo de subsistência é, de um modo geral, o mesmo (a *ganadería*). Assim, na canção “Lá na fronteira”⁴¹, em que a letra é de Anomar Danúbio Vieira, podemos perceber estes aspectos supracitados, com uma visão sintetizada sobre a vida a vida campesina: “Lá na fronteira, os tajãs, por contingência, / Contrabandeiam querência, ora pra um lado, ora pra outro / Se ganha a vida a casco e braço nos varzedos / Se aprende cedo a ensinar a lida pra um potro / Lá na fronteira, na amplidão das invernadas, / Se termina a campereada quando o sol apaga as brasas / Então se volta, a trotezito, assoviando / Pra matear junto da china num jardim defronte as casa”.

⁴⁰ Letra completa: anexo R

⁴¹ Letra completa: anexo S

Ainda nesse sentido, é válido ressaltar que os escritores têm consciência de que essas atividades são singelas e, de certo modo, procuram falar sobre isso em suas letras, como vemos em “Das coisas simples da gente”⁴², também de Anomar Danúbio Vieira: “São coisas simples que falo do jeito da minha gente / Que levanta o continente antes do canto do galo / Bebe apoio do gargalo da noite negra xirua / Trança tentos, ronda luas e faz pátria de a cavalo”. Também podemos observar, em “De bota e bombacha”⁴³, cuja letra é de Mauro Moraes, a necessidade que há em falar-se sobre o que se vive diariamente no contexto campesino: “É o Rio Grande, gauchada amiga! / De bota e bombacha, tapeando sombreiro / Dobrando os pelegos tapados de terra / É um quebra costela de atorar ao meio / É o sul mais campeiro que temos na vida / É a nossa porfia de prosear no galpão”.

No entanto, algo recorrente nas letras das canções nativistas é o sentimento de nostalgia: fala-se muito sobre quem tem de deixar o campo para viver na cidade e que se, por um lado, conseguiu desenvolver-se economicamente, por outro, perdeu o gosto pela vida tumultuada dos centros urbanos, como vemos em “Guri do campo”⁴⁴, cuja letra é de Juarez Machado de Farias: “Eu fui guri do campo na cidade / Com a mesma liberdade das distâncias / Apenas o meu verso é que mudou / De doce se amargou, chorou infância / No mais, eu não mudei / Ainda canto milongas no violão, que é mais um vício / E busco na janela a inspiração, / Falando de um galpão neste edifício”. Encontramos na canção “Interior”⁴⁵, com letra de Gujo Teixeira, a mesma nostalgia: “Parece que nem faz tempo pois aperta o peito / (Aqui no meu interior, onde esta dor não calma) / Que fui embora num gateado, rumando a estrada / Deixando pra trás meu rancho de morada e alma”.

Devemos dizer, também, que apesar de todo um sentimento de não-pertencimento com relação à cidade e a nostalgia que isso acarreta, notamos em algumas canções uma esperança, seja no sentido de que o amor à terra não “morreu” ou, ainda, no sentido de querer voltar a viver em seu lugar de origem. É o caso de “Onde andar”⁴⁶, com letra de Gujo Teixeira, em que observamos os versos abaixo: “Onde andar a silhueta / Desses antigos campeiros, / Que desenhavam saudades / Na fumaça dos palheiros / E madrugavam setembros / Na voz clara dos braseiros? (...) Quem sabe andam perdidas / Na saudade dos avós... / Ou presas dentro do peito / Querendo salta na voz / Mais bem certo elas se acham / Guardadas

⁴² Letra completa: anexo T

⁴³ Letra completa: anexo U

⁴⁴ Letra completa: anexo V

⁴⁵ Letra completa: anexo W

⁴⁶ Letra completa: anexo X

dentro de nós”. Ademais, alguns escritores são mais explícitos e admitem estes sentimentos – e a vontade de retomar a vida campesina, como podemos notar nos versos da canção “Cada interior”⁴⁷, com letra também de Gujo Teixeira: “Há uma esperança no florir das laranjeiras / De tempos doces, de esperar mesmo que em vão / Que a vida boa um dia chegue e desencilhe / E ajeite um rancho igual a tantos no rincão”.

E quando se fala em “rancho” podemos pensar, também, na “estância”, lugar que, de um modo geral, o gaúcho tem por morada e que, portanto, é para onde deseja regressar. Ela desempenha papel fundamental nesse contexto e, não por acaso, é retrata em diversas canções. Escolhemos, especificamente, “Relíquia”⁴⁸, cuja letra é de Lisandro Amaral, que já no título revela a intenção do escritor: demonstrar e/ou destacar o valor deste lugar, mas com certo tom de esperança, como observamos nos versos a continuação: “Estância velha, trago n'alma um breve santo que herdei / Da raça bugra dos que vieram te trazendo até aqui / E cada pedra e cada grotta contam sonhos do que foi / Um tempo lindo que tranqueia cabresteando meu sentir (...) / Mas sei que um dia irá / A raça bugra dos campeiros renascer da fé / Que o mundo novo não apaga o que ficou pra trás / E a estância antiga - como um sonho - viverá!”.

Finalmente, acreditamos ser de extrema importância trazer fragmentos de canções que tem por objetivo falar do campo, isto é, retratar o lugar onde o gaúcho – entendido aqui como homem rural, nascido e formado no ambiente pampiano – vive. É o caso da canção “Que tem nome de querência”⁴⁹, cuja letra é de Gujo Teixeira, em que observamos os versos a seguir: “O campo é assim, meus senhores / Pedaco meu deste mundo / Grama forquilha dobrando / Vindo de um solo fecundo / Extensão do meu viver / Razão e sobrevivência / Rancho, arvoredo e galpão / Que tem nome de querência”. Para quem tem o campo – querência – como “extensão do viver” parece lógico o que aparece nos versos de Gujo Teixeira, na canção “Milongão pra assoviar desencilhando”⁵⁰, em que “Um mate recém cevado silencia o galpão grande / Reverenciando quietudes nas sombras que aquerenciei / E quem refaz o seu dia de bem com a vida no campo / Um pelego sobre um banco é mais que um trono de rei”.

Não podemos encerrar este capítulo, entretanto, sem falar sobre língua(gem). Sendo ela, por excelência, o veículo pelo qual se expressa o homem, representa sua identidade através do discurso. A linguagem utilizada nas canções consideradas nativistas é

⁴⁷ Letra completa: anexo Y

⁴⁸ Letra completa: anexo Z

⁴⁹ Letra completa: anexo A1

⁵⁰ Letra completa: anexo B1

extremamente regionalista, o que nos parece evidente se consideramos que seria impossível retratar a identidade do mito em questão sem fazer uso do vocabulário típico campesino. Fazem parte deste léxico palavras e expressões não apenas recorrentes no meio rural aqui, no Rio Grande do Sul, mas também muitas vindas da língua espanhola, justamente pela proximidade que nos encontramos de países hispano-falantes. É o caso do verbo *achicar*, que aparece na canção “Apaisanado” (Anomar Danúbio Vieira), e significa humilhar-se ou acovardar-se em espanhol⁵¹. Ele é usado frequentemente pelas pessoas que vivem no campo. A palavra *guitarra*, por exemplo, está, de um modo geral, incorporada no vocabulário gaúcho: os próprios instrumentistas – neste caso, violonistas – a utilizam comumente. Ainda, há frequentemente uma mescla dos idiomas, visto que em muitas canções aparecem, na mesma estrofe, tanto versos em língua portuguesa como espanhola, bem como expressões do próprio espanhol no meio do verso, como é o caso de “alarga o horizonte más allá”, verso da canção “Pampa” (Rodrigo Bauer). Nesse sentido, podemos concluir que, mesmo sabendo da existência de territórios limítrofes – zona que, de certo modo, pode ser conflituosa – não há fronteiras linguísticas. Do mesmo modo, podemos agregar a isso a ideia de que a língua(gem) não é algo estanque e que, pelo contrário, a variação é algo inerente a ela. Daí a naturalidade ao incorporar-se palavras de um idioma no outro.

Assim, encerramos este último capítulo de análises com algumas perspectivas novas e outras conhecidas – agora reafirmadas – sobre a identidade do mito em questão, o pampa, a fronteira e o cotidiano da vida campesina.

⁵¹ Achicar: amenguar el tamaño, dimensión o duración de algo; humillar, acobardar; hacer de menos, rebajar la estimación de alguien o algo (Disponível em: <http://lema.rae.es/drae/?val=eleg%C3%ADaco> Acesso em 21 abr. 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, tentamos estabelecer relações entre os aspectos fundamentais que caracterizam o mito do gaúcho, presentes nas obras literárias analisadas nesta pesquisa, que fazem parte do imaginário sul-rio-grandense sobre o homem campesino, e as letras de canções nativistas, que permitem revivificar esse mito através dos temas que apresentam.

Considerando que o imaginário é o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui pensamento humano e onde se encontram todas as suas criações, de acordo ao apresentado por Durand (1971), buscamos ressaltar essas imagens e criações do pensamento humano, construídas, ao longo do tempo, sobre o campesino. Tanto os textos literários quanto as letras aqui analisadas apresentam o estereótipo de gaúcho que é, de um modo geral, fruto desse mesmo imaginário.

Nos capítulos 1 e 2, tivemos contato com os conceitos-chave que sustentam nossa pesquisa, aprofundando, por exemplo, a visão acerca do gaúcho – entendido, aqui, como o homem nascido no ambiente pampiano – e do pampa, território de geografia homogênea que abarca três bandeiras: Brasil, Uruguai e Argentina. Pudemos observar a ideia sobre o estudo da identidade, que fundamenta e – por que não – justifica a escolha de nosso objeto de pesquisa, bem como uma breve reconstituição sobre as distintas denominações que recebeu o homem pampiano ao longo dos séculos de colonização. Observamos, ainda, o que os teóricos apresentam sobre a fronteira e sobre a formação do território do pampa, através de dados acerca do período de colonização, que nos fazem compreender melhor o “tipo” em questão.

Já no capítulo três, analisamos obras literárias que abrangem a região pampiana por acreditar que dito ambiente dá, de um modo geral, homogeneidade a seus habitantes no que diz respeito a hábitos, costumes, trabalho e cultura, visto que todos estes aspectos são estreitamente ligados à condição geográfica do seu lugar. Procuramos, assim, a manifestação destes aspectos em textos de língua espanhola e portuguesa, considerando que o pampa abrange países hispano e luso-falantes. Analisamos sob este critério, além do de seguir a ordem cronológica de publicação das obras, *Martin Fierro* (José Hernández), *Contos Gauchescos* (Simões Lopes Neto), *Don Segundo Sombra* (Ricardo Güiraldes) e *Um certo capitão Rodrigo*, capítulo de *O continente* (Erico Verissimo), buscando nelas a representação do mito do gaúcho e levantando suas características.

Posteriormente, no capítulo quatro analisamos letras de canções de diversos escritores

do estado do Rio Grande do Sul que, graças ao surgimento e propagação dos festivais de música nativista, como já apontamos, passaram a aprimorar-se no processo de escrita, colaborando, assim, com a formação de um acervo de poesia a que se pode ter acesso no universo artístico-musical do meio regionalista. Para esta análise, dividimos o capítulo em quatro seções, levando em conta as temáticas abordadas, a saber: traços de identidade, o ambiente pampiano, a fronteira e o cotidiano campesino. Assim, buscamos levantar os principais traços que caracterizam a representação do mito do gaúcho, de acordo ao que levantamos nos capítulos iniciais, relacionando com aquilo que a análise das obras literárias revelou.

Deste modo, tínhamos por objetivo nesta pesquisa buscar possíveis modificações e/ou reafirmações (ou não) na essência da representação deste mito. Assim, observamos, ao longo da análise, os aspectos sintetizados a seguir:

- o mito do gaúcho, presente nas canções nativistas atuais, aparece com um forte sentimento de apego à sua terra (diferentemente do que vimos em *Martin Fierro* e *Don Segundo Sombra*, por exemplo); contudo, devido à necessidade de sobrevivência e de adaptação à sociedade moderna, por diversos fatores, acontece o êxodo rural e, conseqüentemente, surge a nostalgia;
- se considerarmos o apego à “querência”, mencionado anteriormente, podemos dizer que agora tem-se um gaúcho que constitui família e demonstra ter raízes bem firmadas, pois tem consciência de sua origem e passado histórico (o que nos remete, novamente, à questão da reafirmação de sua identidade);
- notamos, também, que a valorização do cavalo como seu par, por excelência, permanece com força, sendo ele um tema recorrente nas letras das canções, pelo papel imprescindível que desempenha na vida do campo;
- já a visão sobre o pampa, a fronteira e a cultura rio-platense, de um modo geral, aparece distinta da que se tinha nas obras literárias do século XIX e XX que analisamos: agora se tem consciência de que, apesar das fronteiras políticas estabelecidas pelos Estados, existem povos que dividem história e cultura e que, além disso, dialogam em relações não mais conflituosas, de um modo geral.

Devemos ressaltar que a profusão de canções nativistas não existe por acaso e que,

além disso, há por trás dela uma série de fatores artístico-musicais, bem como uma questão estética, que agrega valor aos eventos que se promove, nesse sentido, tendo a cultura por base. Pensando na produção artístico-musical que o movimento dos festivais nativistas gera, há que se considerar inúmeros fatores, a saber: o número significativo de músicos, tanto instrumentistas como intérpretes/cantores e escritores, que se especializam em suas áreas para atuar nestes eventos (sejam violonistas, acordeonistas, baixistas, percussionistas, letristas, etc.); o fato de haver grande profusão de canções e que, para selecioná-las como concorrentes do festival, é feita uma triagem por um corpo de jurados (geralmente composto por músicos e/ou escritores reconhecidos no meio nativista); o fato de os músicos participantes – sejam os próprios autores ou convidados – terem como principal fonte de renda o que ganham nos festivais, visto que para as músicas classificadas há ajuda de custo (valor que colabora com os gastos originados pela viagem que os músicos fazem para se deslocar de sua cidade até a cidade em que ocorre o evento) e, em caso de premiação, também se recebe um valor em dinheiro – de acordo com a colocação (1º, 2º e 3º lugar, melhor letra, melhor melodia, música mais popular, melhor intérprete, melhor instrumentista, melhor indumentária, entre outros); o fato de que muitos destes músicos gravam canções surgidas nos festivais, posteriormente, em seus discos, o que gera uma segunda fonte de renda e pode, também, gerar uma terceira, que é a venda dos discos e divulgação de *shows* do artista; o fato de haver festivais estudantis, vinculados ou não a instituições de ensino, que fomentam e valorizam a produção artístico-musical dos jovens, considerando-a parte de sua formação. Ainda sobre esse aspecto econômico-social, devemos dizer, também, que pela existência e consolidação destes eventos nas últimas três décadas, pelo menos, surgiu outra possibilidade de mercado: o da indumentária. É significativa a quantidade de lojas que trabalham com artigos campestres, não apenas instrumentos e objetos para a lide do campo, mas também roupas que se utilizam nela. Há, ainda, lojas que patrocinam artistas de grande reconhecimento, vestindo-os em suas apresentações pelo estado.

Outro aspecto que merece atenção é o de que os artistas do meio nativista utilizam-se intensamente da mídia para divulgar seus trabalhos: vão a telejornais falar sobre eventos em que se apresentarão, participam de programas de rádio, fazem parte das mais diversas redes sociais *online*, etc. E aqui queremos destacar algo interessante: através dessas redes é possível estabelecer contato diretamente com artistas aos quais se tem apreço e/ou afinidade musical, acompanhar o que estão fazendo/produzindo, ver suas fotos e agenda de *shows* de forma mais prática, ter a possibilidade de conhecer letras recém produzidas – que os escritores publicam

na rede quase que instantaneamente – etc. Também devemos falar sobre o surgimento e crescimento das rádios *online*, de cunho regionalista, em que os próprios músicos/artistas fazem a apresentação dos programas. Ainda, gostaríamos de destacar que a música regionalista vem ganhando espaço no cenário do Prêmio Açorianos de Música, da cidade de Porto Alegre que, desde a década de 1990, premia nas categorias MPB, regional, pop, música instrumental, música erudita, entre outras.

Após esta breve explanação sobre toda a movimentação que a música vem gerando, desde o advento dos festivais e de sua propagação pelo estado, cabe questionar: por que há tamanho envolvimento desse público que consome a música nativista? O que toca o íntimo das pessoas a ponto de torná-las “fiéis” a estes eventos e aos artistas que neles se apresentam? Acreditamos, nesse sentido, que além das letras das canções chamarem a atenção do público, por retratarem o gaúcho – mítico, que não se pode mais encontrar na sociedade moderna – e remontarem a um tempo passado heróico/épico sobre o qual faz-se questão de falar (aqui entra, uma vez mais, a questão de reafirmação da identidade). Há, do mesmo modo, um envolvimento pela questão estética desse contexto: não se trata apenas de letras musicadas, mas de um palco com artistas atuando da melhor forma possível para que suas canções sejam devidamente reconhecidas e premiadas, são intérpretes colocando em sua voz uma expressão que, por ser forte e profunda, comove o espectador, fazendo-o querer ver outras apresentações e outros artistas, estabelecendo comparações e, ao mesmo tempo, desfrutando o que a arte lhe proporciona. Essas apresentações causam, assim, o encantamento que prende o público, porque a música aqui – enquanto arte –, mesmo sendo algo impalpável e menos concreto que a questão econômica apresentada (que também faz parte de todo este movimento), aparece como um referencial identitário coletivo, que se dá através de uma via estética. Assim, os receptores dessas manifestações se veem traduzidos ou, ainda, se identificam com os sentidos proporcionados pela música. Esta pode se traduzir em satisfação, orgulho e/ou reafirmação da identidade, como apontamos anteriormente. Podemos concluir, então, que canção gauchesca corresponde aos anseios do público como uma nova forma de representação do mito.

Talvez com o trecho abaixo, de um texto do argentino Jorge Luis Borges, possamos ilustrar a profunda e intrínseca relação entre música e poesia – arte, enfim – que tentamos expressar e sua importância:

El lenguaje común basta para las ocasiones comunes, pero cuando se trata de algo esencial; cuando alguien tiene que decir que está enamorado o cuando quiere declarar su gratitud y su maravilla por la milagrosa circunstancia de

que Dios haya resuelto alguna vez nacer como un hombre y morir en la cruz como un culpable, entonces debe recurrir a la música o a esa otra música menor, que es el verso (BORGES, 2007, p.49).

Finalmente, aos nos aproximarmos do final deste trabalho, traçando um paralelo com os questionamentos iniciais – em que nos propusemos indagações tais como: se o mito é um estereótipo de gaúcho e, portanto, só existente no imaginário, seria válido estudá-lo? – podemos arriscar respostas: com base em todas as manifestações artísticas e culturais apresentadas anteriormente, consideramos relevante, de fato, o estudo desse mito, pois é algo que ainda está presente na vida do homem sul-rio-grandense, seja ele campesino ou não. Não é, necessariamente, o homem rural que está ligado a ele, visto a existência de um público – cidadão – que se formou e passou a acompanhar esse movimento musical (podemos arriscar, mais uma vez, referindo-nos a ele como literário-musical, considerando o grande valor que é dado a essas letras ou poemas). Aproveitamo-nos, novamente, de um fragmento de texto de Jorge Luis Borges, em que o autor faz considerações sobre a (r)existência desse tipo genuíno do ambiente pampiano, tão falado e explorado ao longo deste trabalho, para expressar, sinteticamente, o que pensamos acerca dele:

Pese a la agricultura y a las modificaciones profundas que la ganadería ha sufrido, no estoy demasiado seguro de que haya muerto el gacho. Mientras dicto estas líneas en una casa del Barrio Sur de Buenos Aires, hay jinetes que arrear por las leguas la polvorienta tropa y hombres que marcan con un símbolo ardiente el anca de una res (BORGES, 2007, p.128).

Apesar deste texto haver sido escrito em 1966 e no país vizinho – Argentina, pode-se transportá-lo facilmente para o momento e contexto atual, pois enquanto escrevemos este trabalho à noite, por exemplo, há, seguramente, homens (peões de estância) dormindo para logo despertar, tomar o seu “mate” e recomeçar a lide campesina, em mais um dia cheio de trabalho no meio rural, sentindo o vento frio da madrugada no rosto, “quebrando” a geadas com os cascos do cavalo nas primeiras horas matinais para cumprir suas tarefas. Enquanto pesquisamos sobre o mito do gaúcho em textos literários e canções pampianas, a vida no campo seguia acontecendo, assim como vários festivais de música nativista. E, do mesmo modo que nos versos de Xirú Antunes, que dizem “enquanto houver um paisano / que ponteie uma guitarra / (...) eu hei de seguir tranquilo”, afirmamos que enquanto houver ditas manifestações culturais – tanto as reais, do homem que vive no campo, quanto as do mito representadas textualmente – valerá a pena estudá-las.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS BRASIL, Luis Antonio de. *Entre a universalidade e o particular: a literatura ante as identidades regionais*. In: SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). **Cultura e Identidade Regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BARCELLOS, F. B. O Sete no Sul. Trabalho apresentado na disciplina de Etnomusicologia I da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, em junho de 2012.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1999. Cap. 01.

BECCO, Horacio Jorge; CALCENA, Carlos Dellepiane. *El Gaucho. Documentación – iconografía*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1998.

BOSAK, Joana. *O gaúcho: memória, identidade e literatura*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BORGES, Jorge Luis. *Textos recobrados (1956-1986)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

BRAUN, Jayme Caetano. *Bota de garrão*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1979.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Corsários e Vaqueanos*. In: **Simões Lopes Neto**. 2ª ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

CHIAPPINI LEITE, Lígia. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. Cap.III.

CONI, Emilio. *El gaucho, Argentina-Brasil-Uruguay*. Buenos Aires: Ed. Hachette, 1969. In: RACEDO, Graciela. **El Gaucho. Formación, significancia y vigencia de un mito**. Córdoba: Universitas, 2008.

DURAND, Gilbert. *La imaginación simbólica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1971. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e Imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ELIADE, Mircea. *Aspectos del Mito*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

GRAHAM, 1870. In: BECCO, Horacio Jorge; CALCENA, Carlos Dellepiane. *El Gaucho. Documentación – iconografía*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1998.

GÜIRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Buenos Aires: Editorial Proa, 1926.

HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martin Fierro*. eBooksBrasil, 2006. Disponível em: www.ebooksbrasil.org Acesso em 20 mar. 2012.

LOBATO, S.J. *Lengua y cultura. La tradición cultural hispánica*. Carabela n.45 – **Lengua y cultura en el aula de español como lengua extranjera**. Madrid: SGEL, p. 5-26, 1999. In:

LIMA, Paula Renata Almeida. **Discussões e propostas interculturais para as aulas de Espanhol como Língua Estrangeira através da análise de filmes.** Goiânia: UFGO, 2010.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos.* 9ª ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

MASINA, Léa. *Alcides Maia, Cyro Martins e Sergio Faraco: tradição e representações do regional na literatura gaúcha de fronteiras.* In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Pampa e cultura: de Fierro a Netto.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/IEL, 2004

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção.* 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras e intertextualidade em O continente, de Erico Verissimo.* In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Pampa e cultura: de Fierro a Netto.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/IEL, 2004.

RACEDO, Graciela. *El Gaucho. Formación, significancia y vigencia de un mito.* Córdoba: Universitas, 2008.

REAL, Juan José. *Manual de Historia Argentina.* Buenos Aires: Ed. Fundamentos, 1961.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Testemunhos de identidades.* In: SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). **Cultura e Identidade Regional.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento, parte I: o Continente.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance. Tipologia da ficção brasileira contemporânea.* Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Porto alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

Outras referências:

Blog “El gaucho guacho: <http://gauchoguacho.blogspot.com.br>

Real Academia Española: diccionario de la lengua española: <http://lema.rae.es/drae/?val=eleg%C3%ADaco>

Martin Fierro: http://es.wikipedia.org/wiki/El_Gaucho_Mart%C3%ADn_Fierro

Don Segundo Sombra: http://es.wikipedia.org/wiki/Don_Segundo_Sombra

O Tempo e o Vento: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Tempo_e_o_Vento

ANEXO A – Gaúcho (Letra: Jayme Caetano Braun/Melodia: Joca Martins e Luciano Maia)

Junto às fronteiras do Prata
Na pampa verde e amarela
Ali está de sentinela
A figura intemerata
Na própria estampa retrata
A bravura e o denodo
É o guerreiro rapisado
Ao pé de cujo fogão
Sempre há mate chimarrão
Pra os povos do mundo todo

Negro, guaraní, charrua
Espanhol e lusitano
O germano e o italiano
Caldeados na pampa nua
É o gaúcho de alma crua
Não nasceu para vassalo
Nunca puderam domá-lo
Foi ele que fez fronteira
Foi pátria e porta-bandeira
Sobre o lombo do cavalo

Seu berço a capitania
Que nem teve donatário
Foi um painel legendário
De civismo e rebeldia
Até o minuano assobia
No meridiano sulino
As notas do mesmo hino
Rio Grando do Sul, Brasil
Imenso poncho de anil
Sobre o verde esmeraldino

Rio Grande, cujo prefácio
Teve a chance jesuíta
Na catequese bendita
Dos irmãos de Santo Inácio
Depois, os filhos de Lácio
Lusitano fizeram-no
E os brasões do além-oceano
Dos mais estranhos bordados
Tremularam desfraldados
Sobre o céu americano

ANEXO B – À moda *Martin Fierro* (Letra: Xirú Antunes/Melodia: Luiz Marengo)

Aqui me ponho a cantar ao compasso da guitarra
Que o índio que se desgarrar nunca mais pode parar
Viver é contrapontear na tristeza onde se atola
Sem jamais pedir esmola nem carinho, nem perdão,
Pois abrindo o coração é que o guasca se consola

De adonde venho, respondo: sou da pampa e do varzedo
Guri criado sem medo de cobra ou de marimbondo
Eu sei que o mundo é redondo no seu arrodar sem fim
Índio pobre, e mesmo assim, me alimento com meu canto
Tantos são donos de tanto, ninguém é dono de mim

(Talvez por ser prisioneiro das ânsias e rebeldias
De andar as noites e os dias rondando como tropeiro
Talvez por ser guitarrero criado sem protocolo
Desde que mamei no colo da mama bugra campeira
Trago a alma prisioneira das coisas que vêm do solo)

Enquanto houver um paisano que ponteie uma guitarra,
Enquanto houver uma garra no lombo de um orelhano,
Enquanto houver um pampeano guardando o sagrado estilo,
Eu hei de seguir tranqüilo, sem galopear não me apuro
Porque quanto mais escuro mais claro é o canto do grilo

E quando eu me for, indiada, não quero mágoa nem choro
Não vai fazer falta um touro há tantos nesta invernada...
Um 'Deus te salve', mais nada quando souberem: morreu
Já podem saber que eu, que esbanjei tantos carinhos,
Ando a campear nos caminhos o que eu quis ser e não deu

ANEXO C – Apaisanado (Letra: Anomar Danúbio Vieira/Melodia: Marcello Caminha)

Floreio o bico da gansa nesta gateada lobuna
A melhor da minhas alunas na doma tradicional
Por favor, não levem a mal este meu jeito fronteiro
Filho de pai brasileiro, hijo de madre oriental

Não carrego pretensão mas não sou de me achicá
Decerto trouxe de allá o gosto pela guitarra
Quando a saudade se agarra num bordoneio entonado
É o meu povo enforquilhado num bagual mandando garra

Sou assim, apaisanado, domador e guitarreiro
Diariamente peão campeiro, nas folgas campeio festa
Tapeio o chapéu na testa pra ver melhor as imagens
Talento, fibra e coragem não se compra nem se empresta

Quem é do garrão da pátria, alma, sangue e procedência
O amor pela querência traz retratado na estampa
Retovos de casco e guampa no repertório da lida
Pra que o sentido da vida finque raízes na pampa

No cabo de uma solinge sou mais ligeiro que um gato
No aporreado um carrapato largando só no garrote
E macho, pra me dar bote, não se perca por afoito:
Junte mais uns sete ou oito e me atropelem de lote!

Numa milonga crioula, numa chamarra gaúcha,
Prego um grito de “a la pucha” e me acomodo no embalo.
Mateio ao canto do galo, gosto do assunto bem claro:
Se de a pé já não disparo, Quanto mais bem a cavalo!

ANEXO D – Andarilho (Letra: Xirú Antunes/Melodia: Luiz Marengo)

Abro a porteira e me aparto
Do campo verde e estancieiro
Só pra estender meu baixeiro
No capão dos corredores
Sou desses que os cantadores
Batizaram nas guitarras
No peito de um malacara
Vivo empurrando horizontes

Minha bíblia é um "Martin Fierro"
Sempre esbarro numa china
E a imagem que me domina
É um parador de rodeio
Já tive um rancho, senhores,
E tardes de primaveras
Onde eu lavava a erva
Sentindo o cheiro das flores

Sou ponto vivo e consciente
Na estância real das estradas
Vivo domando as mágoas
De um passado inconveniente
Nas horas das rondas claras
O pensamento é tordilho
Eu recorro cada estrela
Recostado no lombilho

Meus olhos horizontais
Pintam quadro em campo alheio
Cada porteira é um anseio
Pra um calmo desencilhar
Talvez um dia eu encontre
Um olhar destes morenos
Sem baldas e nem venenos,
E aqui me ponha a cantar

ANEXO E – Filosofia de Andejo (Letra: Jayme Caetano Braun/Melodia: Luiz Marengo)

Frente ao caminho me calo e o pensamento sofreno
O mundo é muito pequeno pras patas do meu cavalo
Nesta jornada terrena, aprende muito quem anda
Sempre que a alma se agranda a estrada fica pequena

A carpeta da distância é a escola do jogador
Se vive mais de um amor, mas só se perde uma infância
O jogo da redomona é a lei maior do combate
Nunca se agradece o mate se tem água na cambona

O amor ao chão não tem preço, se aprende desde piazinho
O brabo é achar o caminho pra retornar ao começo
Onde há vaca existe touro, este é o primeiro decreto
E até o mais analfabeto sabe brincar de namoro

Por escondido que seja o rancho que tem bailanta
Guitarra, gaita e percanta, meu flete sempre fareja
Eu penso, penso e repenso: ninguém nasceu pra ser mau
Quem usa freio de pau é por gostar do silêncio

Deve haver algum feitiço depois que o tempo nos laça
O mundo não tinha graça se a vida fosse só isso
Frente ao caminho me calo e o pensamento sofreno
O mundo é muito pequeno pras patas do meu cavalo

ANEXO F – Regional (Letra: Anomar Danúbio Vieira/Melodia:Rogério Mello)

Regional é uma crioula. Arte, cultura campeira
Um rangido de basteira, um redomão de bocal
Um universo rural num sentimento profundo
Que antes de sermos do mundo temos que ser regional

Meu canto crioulo é qual pasto nativo
Que brota com força e se estende na pampa
Juntou rebeldias pelas recolutas
Da raça mais bruta herdou essa estampa

É grito tropeiro, é mugido de tropa
E assim se alvorota pedindo bolada
Cinco de bronze chamando a tropilha
Clarim farroupilha anunciando alvorada

Curtido a minuano e a pó de mangueira
A berro de touro e relincho de potro
Moldei este canto pra hino campeiro
Por ser verdadeiro, é sinuelo pra os outros

Se ficou, então, regional
Pela tradição que traduz o seu jeito
Tendo sentimento de pátria no sangue
E amor ao Rio Grande batendo no peito

Regional por devoção, regional de nascimento
Regional no pensamento, na conduta e na emoção
Lá num oco do rincão trancando o pé na macega
Que um regional não se entrega, tendo ou não tendo razão

Mistura de verso e resmungo de gaita
Conceito de povo templado na guerra
Que fez seu destino arrastando choronas
Gravando o idioma no lombo da terra

Carrega nas cinzas de cada memória
A alma e a história de um pago ancestral
Forjadas num lenço, parte de bandeira
Brasão de fronteira, padrão regional

ANEXO G – O d'onde venho (Letra: Gujo Teixeira/Melodia: Luciano Maia)

Quem me conhece sabe bem o d'onde sou
Venho do campo, meu rincão, meu interior
Sou estradeiro mas tenho raízes firmes
E há quem confirme quem eu sou, por onde eu for

O meu cantar é o que sei de verdadeiro
Cada palavra tem aquilo que conheço
Pra o meu sustento, sou certeza e consequência
No que a querência me ensinou desde o começo

Bem onde a noite faz divisa com a alma
Na mesma terra que viveram meus avós
É onde a vida tem seu valor mais certo
Mesmo que seja verdadeiro só pra nós

Quem me conhece sabe as luas que carrego
No céu do pago regional que mora em mim...
Sabe das chuvas que me fazem ser enchente
E da minha gente, que me prende ao d'onde vim

Basta um olhar nestes meus olhos de terra
Para saberem que sou mais do que tenho
Minha palavra é quem diz de onde sou
Sei pra onde vou porque sei o d'onde venho

Quem quiser saber quem sou
Basta saber d'onde venho...

ANEXO H – É aqui, junto ao chapéu (Letra e melodia: Ângelo Franco)

É aqui junto ao chapéu
É aqui junto ao chapéu que se carrega o pensar
Que se analisa o sentir e os rumos pra se tranquear
Aqui se esconde o sentido de tudo que um homem faz
E se define a vergonha que a cara pode estampar

Eu aprendi muito cedo, mateando com o meu avô,
Que o homem a gente conhece no rastro que ele deixou
Que a história não perde nada e um dia o que se passou
Vem revelar a consciência que o sujeito carregou

O mundo tem olhos grandes, não deixa nada passar
Enxerga o que a gente planta e o que deixa de plantar
Um dia o fruto da alma de cada um vai vingar
Trazendo gosto à garganta conforme Deus ordenar

Eu sei que o povo gaúcho conhece a história que tem
E que o Rio Grande começa em cada homem de bem
Cada consciência é um caminho que pode ou não ir além
E só cuida pra onde vai quem respeita de onde vem

É aqui junto ao chapéu...
É aqui junto ao chapéu, no nosso eu mais profundo,
Que reside a diferença entre o seco e o fecundo
Existe larga distância entre o primeiro e o segundo
Entre os que mancham a história e os que constroem o mundo

ANEXO I – Cavalo crioulo (Letra: Mauro Moraes/Melodia: Luis Carlos Borges)

O pampa americano era de ninguém
Um continente à espera de seu senhor
Quando aportou a nau que vinha do além
Trazendo o europeu colonizador
Que, pra tomar a terra como um tropel,
Se armou da valentia de seu corcel
E este cavalo ibérico ao fim se alçou
E o pampa recriou

Então a seleção se fez natural
Sobrevivendo apenas quem se moldou
Ao ambiente agreste que era bagual
E assim foi que o crioulo se aquerenciou
E se tornou nativo desse rincão
Como um diamante sem a lapidação
Pro tino do campeiro selecionar
Trabalho secular

Cavalo é crioulo porque é o padrão
"Del gaucho" e dos gaúchos mais atuais
Um sonho que se cria cada vez mais
No fundo da invernada do coração
No lombo de um gateado me sinto um rei
E o mundo todo gira na minha lei
Pois com o pé no estrivo, a rédea na mão
A alma sai do chão

Vieram então as marchas pra comprovar
Toda uma resistência que é sem igual
E a exposição do freio pra consagrar
Um biotipo lindo e mais funcional

E o mundo do campeiro testemunhou
Um pingo que montado se agigantou
E, além de dar serviço, passou a ser
De esporte e de lazer

Cavalo que anda pronto pra um desafio
Que na arrancada junta o zebu gavião
Que num giro de patas faz currupio
Que na esbarrada espalha a cola no chão

A história de amor que não tem mais fim
É a história do crioulo viva paixão
Um sonho pela rédea o cavalo enfim

Do peão e do patrão!

ANEXO J – Destinos (Letra: Jayme Caetano Braun/Melodia: Luiz Marengo)

O destino quer que eu cante
E ao cantar eu me concentro
A querência eu levo dentro
E o resto eu toco por diante

Podem me chamar de louco
Mas aprendi com os mais quebras
A não galopar nas pedras
Nem pelear por muito pouco

A lição número um
Eu aprendi com meu pai
Quem não sabe pra onde vai,

Não vai a lugar nenhum
Nunca refuguei bolada
Se me tocam, me apresento
E tenho a crina esfiapada
De galopar contra o vento

Do meu manancial de penas
Quase todas se extraviaram:
Umas porque se agrandaram,
Outras por muito pequenas

Tive um antes e um depois
Quando me larguei a esmo
Decerto por isso mesmo
Os meus destinos são dois

Destinos de um índio incrêu
Sobre um mesmo coração:
Um que me prende no chão,
Outro me puxa pra o céu

Porém, o que me arrebatá
É o destino de xirú
Que em vez das pilchas de prata,
As garras de couro cru

ANEXO K – Por causa das pilcha (Letra: Anomar Danúbio Vieira/Melodia: Joca Martins)

- Quer com vodka ou com canha?
Me perguntou a bolicheira
Quando me oitavei na copa
Tranquilo pedindo um samba
- Com canha, por obséquio,
Já que a "plata" é uma escassez
Me desculpe o desacato,
É que sendo mais barato
Quem sabe "tomemo" uns três –

A cordeona resmungava,
As morenas se cruzavam
Vez por outra me bombeavam
Por causa, assim, "da minhas pilcha"

A rastra e a bota igual, lenço de seda encarnado
O pala branco oriental sobre o jaleco bordado
Camisa meio social, de um negror acetinado
Bombacha gris de tergal, cheia de favo dos lado!

A faca e o chapéu grande deixei na entrada da festa
Pois sei o baile que presta e a respeitar o ambiente
É costume da minha gente se pilchar bem a preceito
Que até um feio agarra jeito e se acomoda de frente.

E a noite corria frouxa, gaita, violão e pandeiro
Nisso um olhar mais matreiro que me campeava angustiado
Me encontrou ainda oitavado, sem mais ninguém por "testigo"
Por essas coisas que eu digo: "hay" que se andar bem pilchado!

Me encorajei pra uma marca numa vaneira bocona
E fui tirando essa "dona" que me mirava indecisa
Se era o negro da camisa ou o encarnado do lenço
Que lhe causava desejo, a explicação não precisa!

O pala abanou na volta na cintura da morena
Que dançou na cantilena que se dá em baixo da quinha
A conquista vem na cincha e o resto é pura bobagem
Que a metade é da coragem e a outra metade é das pilcha

ANEXO L – Coplas para um gaúcho brasileiro (Letra e música: Ângelo Franco)

Essa parada que carrego no meu jeito
Vem do meu peito embriagado de ideal
Eu sou de um povo que se fez a ferro e fogo
Guardando posto no Brasil meridional

Os olhos firmes não retratam amarguras
Pois as agruras não são mais que provações
Se rio pouco, quando rio sou sincero
Sei o que quero, não nasci pras ilusões

A cada dia que o Brasil fica mais velho
Eu me revelo mais gaúcho e brasileiro
Pena que os olhos do país às vezes turvam
E nos enxergam muito mais como estrangeiros

É bem verdade que não somos agregados
Aos que parados choram pranto de miséria
Sangue latino, coração de terra bruta
A nossa luta é por trabalho e gente séria

Nossas verdades têm razões nacionalistas
Como ativistas da cultura regional
Já não pregamos nenhuma separação
Revolução é dar a mão ao seu igual

Por isso eu digo pra cada brasileiro
Somos gaúchos com orgulho da nação
Apenas peço não se esqueçam do Rio Grande
Que ainda temos o Brasil no coração

ANEXO M – PAMPA (Letra: Rodrigo Bauer/Melodia: Fabrício Harden)

A pampa é um país com três bandeiras
E um homem que mateia concentrado
Seus olhos correm por sobre as fronteiras
Que o fazem tão unido e separado...

A pampa é um lugar que se transcende,
Fronteiras são impostas pelas guerras
Y el gaucho, com certeza, não entende
Três nomes, três brasões pra mesma terra

O campo a se estender, imenso e plano
Alarga o horizonte más allá...
alvez seja por isso que o pampeano
Enxerga além de onde está

Assim é o povo fronteiro
Tropa, cavalo e tropeiro vão na mesma vez...
Pátria e querência na estampa
Somos um só nesta pampa
Mas se contam três...
Por que se contam três?

Meu verso vem de Jayme e Aureliano,
De Rillo e Retamozo - um céu azul
Sou Bento e Tiaraju, heróis pampeanos
Da forja desse Rio Grande do Sul

A voz vem de Cafrune e canta assim
A rima de Lugones, minha sina,
E a fibra de Jose de San Martín
A história é quem me escreve na Argentina

Meu canto vem de Osiris, voz antiga
Da Pampa que em meu sangue não se esvai
Comigo vem Rivera, vem Artigas
Legenda eu sou... do Uruguai!

Rumos dessa pampa grande,
Viemos dos versos de Hernandez,
Somos céu e chão...
Todo o pampeano, sem erro,
Tem muito de Martin Fierro,
Pelo coração... dentro do coração!

ANEXO N – Hermanos Pampeanos (Letra: Juárez M. Farias/Melodia: Raúl Quiroga)

En cada punto del mapa, a lo largo de la pampa,
Corre una rueda de mate y misma caña de guampa
Viven en ranchos humildes y casas grandes de estancia,
Las mismas almas de ayer, mismo rumbo y misma ansia

Son los gauchos y gaúchos, português y español
La pampa es nuestra estampa bajo el mismo sol
Nada ya nos diferencia além de um simples acento
Dos idiomas no separan lo que hermana el sentimiento

Gobiernos que dictan reglas no pueden cerrar porteras
Cuando son imaginarias las líneas destas fronteras
Sea una calle o un río en todo habrá un puente
Que aproxime los pampeanos en su interno horizonte

Habitantes de planuras moldados de geografía
Llevan dentro um Martin Fierro que, de a poco, se denuncia
Cuando las voces se unen con guitarras milongueras
Soplan vientos de esperanza que embalan nuestras banderas

Fueran gauchos y gaúchos
Que hicieron patria a caballo,
Y forjaron en la pampa
La raíz de nuestra estampa
Ya nada nos diferencia
Além de um simples acento
Los idiomas no separan
Lo que hermana el sentimiento

ANEXO O – Confraria de Fronteira (Letra: Eliezer Dias de Sousa/Melodia: Pedro Ortaça)

Misal de poncho y espuelas, rumor de laços nos ares
E os orientales cantares com sonidos brasileiros
Confraria de fronteiros numa lida que os hermana
Com tropilhas castelhanas, outras do lado de cá
É a gente do Aceguá, templa criolla y buerana

No hay embargo em fronteiras pra quem cruza de a cavalo
No se pergunta si es malo nem tampouco pra onde vai
Entre Brasil e Uruguay persiste uma só consciência
Na harmoniosa convivência de esporas pedindo cancha
Na orilla de uma sanga bebendo pátria e querência

Se enredam melena y crina da potrada e do ginete
Nesse crioulo cacoete de manter a raça viva
Pela origem primitiva de antes das caravelas
A eternizar aquarelas sobre a tela do horizonte
Trazendo vincha em la fronte, celeste, verde e amarela

Se confundem línguas pátrias nos dois lados da fronteira
É a nossa indiada campeira na mesma linguagem franca
Gente rude de alma branca sovando os mesmos costumes
É fronteira sem tapumes, sem convenções nem dialetos
Donde abuelos y netos vislumbram os mesmos lumes

Tem gente cá do minuano, hay gente Allá de Noblia
Alma llena de alegria que contagia los otros
Llevando sudor de potros e crina por entre os dedos
Contrabandeando segredos para recuerdos guardados
Dos golpes dos aporreados, do olhar do chinaredo

Não há fronteira no ser e nem os marcos dividem
Que as diferenças se olvidem na mesma causa comum
Sem preconceito nenhum, na igualdade do fronteiro
Entre o milico e o quileiro, entre o campeiro e o patrão
Persiste esta comunhão de ser amigo e parceiro

Nos fundimos numa só patria, de gauchismo e querência
Mesclado da mesma essência no idioma das milongas
No alambrado que se alonga pelos fundões das estâncias
Onde se guardam fragrâncias do sincretismo charrua
Partindo hóstias de lua pra alimentar nossas ânsias

ANEXO P – Milonga de tres banderas (Letra: Jayme C. Braun/Melodia: Luiz Marengo)

Vieja milonga pampeana, hija de llanos y vientos,
Chiruzas de cuatro alientos de la tierra americana;
Vieja milonga paisana de los montes y praderas,
Tus mensajes galponeras trenzaron en la oración
Al pié del mismo fogón los gauchos de tres banderas.

Brasileño y oriental, rio-grandense y argentino,
Piedras del mismo camino, aguas del mismo caudal,
Hicieron, de tu señal, himnos de patria y clarín,
Hasta el más hondo confín, bajo el cielo americano,
De Osório, Artigas, Belgrano, Madariaga y San Martín!

A tu conjuro peliaron, vieja milonga machaza
Los centauros de mi raza que al más allá se marcharon
Y las hembras te besaron con cariño y con amor
Cuando en la guitarra flor, enriedada en el coraje,
Fuiste un llamado salvaje al corazón del cantor!

Milonga - poncho y facón, calandria, pampa y lucero,
Grito machazo del tero, calor de hogar y fogón,
Milonga del redomón, llevando patria en las ancas,
Milonga de las potrancas milonga de las congojas
Milonga divizas rojas, milonga divizas blancas.

Blanco y azules pañuelos, celeste, verdeamarillos,
Milonga de los caudillos que hilvanaron nuestros suelos,
Milonga de los abuelos de las cepas cimarronas,
Milonga de las lloronas repiqueteando de lejos,
Milonga de los reflejos en las trenzas de las peonas.

Martín fierro - el viejo pancho, Blau Nunes y Santo Vega,
Tu sonido gaucho llega parido del mismo rancho
A lo largo y a lo ancho dibuja el suelo patricio
Cuando el payador de oficio repunta en vuelo bizarro,
Lanceros de Canabarro, rastreadores de Aparicio.

Con tu sonido encadenas En el mismo pampa dialecto,
Antonio de Souza Neto, Poncho - lanza y nazarenas,
Milonga, sangre en las venas De la historia que se aleja,
Leyenda de patria vieja Que hizo del cielo diviza
Con Justo José de Urquiza, Juan Antonio Lavalleja.

Milonga de tres colores punteada en cuerdas de acero,
Cuando el último jilguero ensaya sus estertores,
Nosotros, los payadores, de la tradición campera,
Saldremos a campo fuera, por los ranchos y fogones,

Tartamudeando oraciones pa' que el gaucho no se muera.

Pero el jamás murirá, gaucho no puede morir,
Es ayer y el porvenir, lo que fue y lo que vendrá,
La lanza y el chiripá podrán quedar en el repecho,
Pero - libertad e derecho, dignidad y gaucheria,
El patriotismo y la hombría los guardamos en el pecho.

Milonga de tres banderas, templada por manos rudas,
Mensaje de Dios, sin dudas, sin cadenas ni fronteras,
Mañana por las praderas quando el sol gaucho se ponga
El viento pampa resonga con su guitarra de estrellas
Haciendo pátria con ella pues donde hay pátria, hay milonga

ANEXO Q – De duas pátrias (Letra: Marcelo D'ávila / Melodia: Juliano Moreno)

"Caudillo blanco" forjado a ponta de lança,
Foi ordenança, "cabo viejo" e general;
Com Gumercindo peleou em noventa e três,
A uma só vez, riograndense e oriental.

Hay lenços brancos nas fileiras maragatas -
Índios do Prata tendo a guerra por ofício.
Vai na vanguarda o General de Duas Pátrias
E na culatra umas novilhas pro munício.

Marcham valentes nos caminhos da fronteira,
Rumo à Rivera sem temer o sacrifício,
De peito aberto, ouvindo o vento que assopra
Alguma copla em honra a Dom Aparício.

Em Masoller trançaram aço com aço
Quando um balaço disparado pela raiva
Pôs fim ao homem, mas criou um novo mito
No último grito de Aparício Saraiva.

O poncho velho que em tantas noites escuras
Foi armadura na barbárie das batalhas
Agora cobre o corpo inerte do guerreiro
Num derradeiro e terno abraço de mortalha.

ANEXO R – Das precisão pra viver (Letra: Sérgio C. Pereira/Melodia: Luiz Marengo)

Não preciso quase nada
Pra vida de peão campeiro
Espora, cincha, baixeiro,
Boieiras, luas e aguadas
Um galo pras madrugadas,
E uma guitarra pra noite
Flor de trevo nas canhadas,
Maçanilha do horizonte

Tão pouco é o que se requer
Pra vida das invernadas
Um ranchito meia água
Que dê pra filho e mulher
Cavalo forte, altaneiro,
Boa rédea, boa cabeça
Que se lembre, se eu me esqueça,
Das precisão de campeiro

Pingo de muitos segredos,
Sabe o que falta pra mim
Pelo cheiro do remédio
Que se aboca o criolim
Pelo tinir das argolas
Que falta chave e cambona
Pelo aroma do perfume
Que me vou pras querendonas

Não saio nunca das casa
Sem levar poncho imalado
Pra um campeiro é um pecado
As manga d'água do agosto
Trago nas rugas do rosto
As precisão da experiência
Que a vida é como ciência,
Foi me lavrando a seu gosto

Então não me falta nada
Pra cruzar por estes campos
Um clarão de pirilampos
E o pó da terra na mala
O campo me deu a calma
E o vento me deu a crença
E a precisão da querência
Como munício pra alma

ANEXO S – Lá na fronteira (Letra: Anomar Danúbio Vieira/Melodia: Marcello Caminha)

Lá donde o campo enfrena o dia abrindo o peito
No velho jeito de tirar zebú da grota
Se ata espora pra um torão de fundamento
Passando um tento embaixo do taco da bota

Lá donde o touro mais veiaço tem costeio
Um par de arreio é ferramenta de valor
A vaca xucra esconde a cria na macega
E cavalhada não nega que por lá hay domador

Lá donde as penas se transformam em melodias
Na campeira sinfonia de coscorra e nazarenas
Almas antigas rondam galpões nas estâncias
Pois são grandes as distâncias e as saudades tão pequenas

Lá donde ainda ecoa forte um “venha, venha”
Chamando a tropa no reponte das auroras
A bagualada segue atrás da égua madrinha
Na velha estrada da linha, serpenteando tempo afora

Lá na fronteira, os tajãs, por contingência,
Contrabandeam querência, ora pra um lado, ora pra outro
Se ganha a vida a casco e braço nos varzedos
Se aprende cedo a ensinar a lida pra um potro

Lá na fronteira, na amplidão das invernadas,
Se termina a campereada quando o sol apaga as brasas
Então se volta, a trotezito, assoviando
Pra matear junto da china num jardim defronte as casa

ANEXO T – Das coisas simples da gente (Letra: Anomar D. Vieira/Melodia: Rogério Mello e Luciano Maia)

Uma gaita de botão, um candeeiro enfumaçado
Um bailezito ajeitado num rancho de torrão
Onde a própria evolução se apeia de madrugada
Matando a sede na aguada da mais pura tradição

Um rangido de basteira, cantiga de correr boi
Num tempo que não se foi pois tem alma de fronteira
A velha pampa campeira de repente se agiganta
Quando um índio abre a garganta numa marca galponeira

São coisas simples que falo do jeito da minha gente
Que levanta o continente antes do canto do galo
Bebe apoio do gargalo da noite negra xirua
Trança tentos, ronda luas e faz pátria de a cavalo

Um aparte campo a fora de saltar grama pra cima
E um ovelheiro da estima troteando abaixo da espora
Uma guitarra que chora numa coplita sentida
Misturando vida e lida com a fé em Nossa Senhora

Um buenas bem macanudo num saludo de fronteiro
Um “êra, êra” tropeiro, um sovêu dos “cabeludo”
Um pingaço topetudo pra um domingo de carreira
E uma chinoca faceira, bonita acima de tudo

ANEXO U – De bota e bombacha (Letra e melodia: Mauro Moraes)

Um sul de verdade campeia em meus olhos
De bota e bombacha, montado a capricho
De alma amansada curtida da lida
Com a doma da encilha na ponta dos cascos...

Um sul de verdade galopa comigo
Sujeitando o pingo nas cambas do freio
Sovando os arreios nas léguas do pago
Reunindo o gado num pelado de rodeio.

Que tal um abraço, compadre de mate
Permita um aparte sem muito floreio
Tirando os terneiros, as vacas de leite
O resto a gente rebanha pra o lado!

Sentado nas dobras do basto
Pensativo, com a hora por fazer,
Me agrada uma sombra de mato,
Um cusco atirado e um violão pra escrever

É o Rio Grande, gauchada amiga!
De bota e bombacha, tapeando sombreiro
Dobrando os pelegos tapados de terra
É um quebra costela de atorar ao meio
É o sul mais campeiro que temos na vida
É a nossa porfia de prosear no galpão.

ANEXO V – Guri do campo (Letra: Juarez M. de Farias/Melodia: Cristiano Quevedo)

Aprimorei o faro nas esquinas
Entrei na dissonância dos mendigos
Na praça conversei com muito velhos
E andei nos seus caminhos percorridos

Eu fui guri do campo na cidade
Com a mesma liberdade das distâncias
Apenas o meu verso é que mudou
De doce se amargou, chorou infância

No mais, eu não mudei
Ainda canto milongas no violão, que é mais um vício
E busco na janela a inspiração,
Falando de um galpão neste edifício

Eu quero manter vivo o que sorri
No tempo que eu nem vinha na cidade
E agora, que ironia, eu sou saudade
Querendo achar o tempo que perdi

Eu fui guri do campo na cidade
Com a mesma liberdade das distâncias
Apenas o meu verso é que mudou
De doce se amargou, chorou infância

No mais, eu não mudei
Ainda canto milongas no violão, que é mais um vício
E busco na janela a inspiração
Falando de um galpão neste edifício

ANEXO W – Interior (Letra: Gujo Teixeira/Melodia: Luiz Marengo)

Parece que nem faz tempo, pois aperta o peito
(Aqui no meu interior, onde esta dor não calma)
Que fui embora num gateado, rumando a estrada
Deixando pra trás meu rancho de morada e alma.

As sombras do interior são bem mais copadas
São mansas e abrigam almas de velhos amigos
Que a gente, num destino incerto de se encontrar,
Se perde procurando sombras pra um novo abrigo.

As casas, cedo, ainda largam fumaças brancas
Saudosas por verem os seus partirem assim
Que eu, sem saber da vida e perseguindo ela,
Deixei nesse interior um pouco mais de mim...

Os mates tinham mais gosto de erva e poejo
Colhidos beirando a sangria de águas rasas
Onde deixei meus sonhos n'outra enchente
Partirem como se vai um filho "das casas".

Eu tenho pela memória, que ainda não falha,
Meu tempo de ser guri e uma despedida,
De cedo inventar saudades, que não conhecia,
Que hoje me fazem entender o que era vida.

Faz tempo amansei meus sonhos nesta cidade
Aqueles que viveram livres, bem iguais aos potros
Que lembro e me aperta o peito, junto ao coração
Onde um interior está com saudade de outro

ANEXO X – Onde andará (Letra: Gujo Teixeira/Melodia: Luiz Marengo)

Onde andará a silhueta
Desses antigos campeiros,
Que desenhavam saudades
Na fumaça dos palheiros
E madrugavam setembros
Na voz clara dos braseiros?

Onde andará a "mañanita"
Dos mates de gosto bueno,
Da encilha dos gateados
Contraponteando o sereno
E a humildade dos ranchos
Guardando sonhos morenos?

Onde andará o verso claro
Ponteadado numa canção,
Que se espalhava em floreios
Pelas tardes do galpão
E matizavam campeiros
Ao som da gaita e violão?

Onde andará a tarde longa
Das ressolanas campeiras,
Onde a alma desses tantos
Cruzava além da porteira
Pra o mundo das invernadas
Por não saber das fronteiras?

Por onde andará o semblante
De um avô maragato,
Que eternizou seu silêncio
Na moldura de um retrato,
E dos seus causos antigos
Desses campeiros de fato?

Quem sabe andam perdidas
Na saudade dos avós...
Ou presas dentro do peito
Querendo salta na voz...
Mais bem certo elas se acham
Guardadas dentro de nós.

ANEXO Y – Cada interior (Letra: Gujo Teixeira/Melodia: Luiz Marengo)

Cada interior que há no olhar da minha gente
É um rincão de sombra mansa e de sereno
É o próprio pago com sentidos de crescer
Na mesma sina de quem sabe que é pequeno

É um rancho simples e mais outro, lado a lado
Barro de tempos nas paredes sem janelas
É um jeito seu, original em ser morada
Simplicidade e o que a vida deu pra ela

O arvoredo fica ao sul da encruzilhada
Rumando a estrada de quem vai sem nem notar
Que quem um dia ganha um rumo só de ida
Espera um tanto pra na vida se encontrar

Mate cevado, prosa boa até se encontra
Quando a tarde encarde o céu e a chuva desce
Água de longe, fogo escasso pras cambonas
É um, dois mates e depois já se agradece

Há uma esperança no florir das laranjeiras
De tempos doces, de esperar, mesmo que em vão
Que a vida boa um dia chegue e desencilhe
E ajeite um rancho igual a tantos no rincão

Não é pecado ser feliz com pouca coisa
Quando se quer apenas vida e um pouco mais
Pois pra quem vive um dia, assim, depois do outro
O tempo é escasso pra querer voltar atrás

ANEXO Z – Relíquia (Letra e melodia: Lisandro Amaral)

Estância velha, trago n'alma um breve santo que herdei
Da raça bugra dos que vieram te trazendo até aqui
E cada pedra e cada grotta contam sonhos do que foi
Um tempo lindo que tranqueia cabresteando meu sentir.

Estância velha, em cada bota trago huellas de sofrer
Nos muitos riscos das esporas que a saudade me deixou
E nas cambotas tenho a marca dos tropeiros - que passou -
Mas recluta a alma antiga do meu ser.

Mas sei que um dia irá
A raça bugra dos campeiros renascer da fé;
Que o mundo novo não apaga o que ficou pra trás
E a estância antiga - como um sonho - viverá!

Mas sei que um dia irá
A raça bugra dos campeiros renascer da fé;
Que o mundo novo não apaga o que ficou pra trás
E a estância viverá!

Estância velha, emalo a sorte ao poncho pátria do sentir,
Nesta saudade de outros tempos que nem sei mesmo explicar;
E ao trote largo deste tempo em que ninguém sabe quem é, S
omos consciência da verdade que contigo, há de ficar!

ANEXO A1 – Que tem nome de querência (Gujo Teixeira/Melodia: Luiz Marengo)

O campo é assim, meus senhores, pedaço meu deste mundo
Grama forquilha dobrando vinda de um solo fecundo
Extensão do meu viver, razão e sobrevivência
Rancho, arvoredos e galpão que tem nome de querência

Até pode um dia desses chegarem pra um mate bueno
O rancho tem alma grande, mesmo de barro e pequeno
Sombra mansa e prosa amiga se encontra bastante ainda
Água clara da cacimba com gosto de boas vindas

Cada rincão tem seu nome, cada lugar tem seu jeito
Minha querência é tamanha, mas cabe dentro do peito
Simplicidade nas coisas que me fazem mais feliz
Tem alma e barro o meu rancho, bem no sul deste país

É um olhar de quem que me prende facilmente
Num rancho de frente leste, um baio à soga na frente
Quando tomo mais um mate e estendo a vista em reposte
Então entendo que a vida é campo e mais horizonte

Tenho a luz das madrugadas no potro escasso de velas
E um sorriso mais lindo do que as flores da janela
Um motivo todo meu, razão, talvez existência
Um olhar que me abriga, que tem nome de querência

Cada rincão tem seu nome, cada lugar tem seu jeito
Minha querência é tamanha, mas cabe dentro do peito
Simplicidade nas coisas que me fazem mais feliz
Tem alma e barro o meu rancho bem no sul do meu país

ANEXO B1 – Milongão pra assoviar desencilhando (Letra: Gujo Teixeira/Melodia: Luiz Marengo)

Silhueta de um fim de tarde, prenunciando a mesma sombra
Do tarumã bem copado contra o lado do galpão
Que larga fumaça branca no mais alto se desenha
De certo é cambona e lenha na porfia do fogão

A gateada apura passo no acôo da cuscada
Que faz festa com o retorno dos campeiros na mangueira
Silêncio se vai aos poucos pelas esporas nas pedras
E os tinidos da barbela nos escarceios da oveira

Aos poucos, ouvem-se coplas num assobio compassado
Que entram galpão à dentro, depois voltam mais sonoras
Se vão tirando a carona, o xergão e entram mais calmas
Parece que campo e alma se mesclam bem nessa hora

Água nos lombos suados, e mais água pra cambona
E o galpão se para quieto pra escutar um campeiro
Depois de um dia de lida, de invernada e rodeio
Sobra tempo pra um floreio de um assobio milongueiro

Um mate recém cevado silencia o galpão grande
Reverenciando quietudes nas sombras que aquerenciei
E quem refaz o seu dia de bem com a vida no campo
Um pelego sobre um banco é mais que um trono de rei

Ficou um resto de pasto agarradito no freio
Esporas, mangos e laços e um silêncio esperando
Alguém de alma lavada á debruçar-se no violão
E tocar um milongão pra assobiar desencilhando